

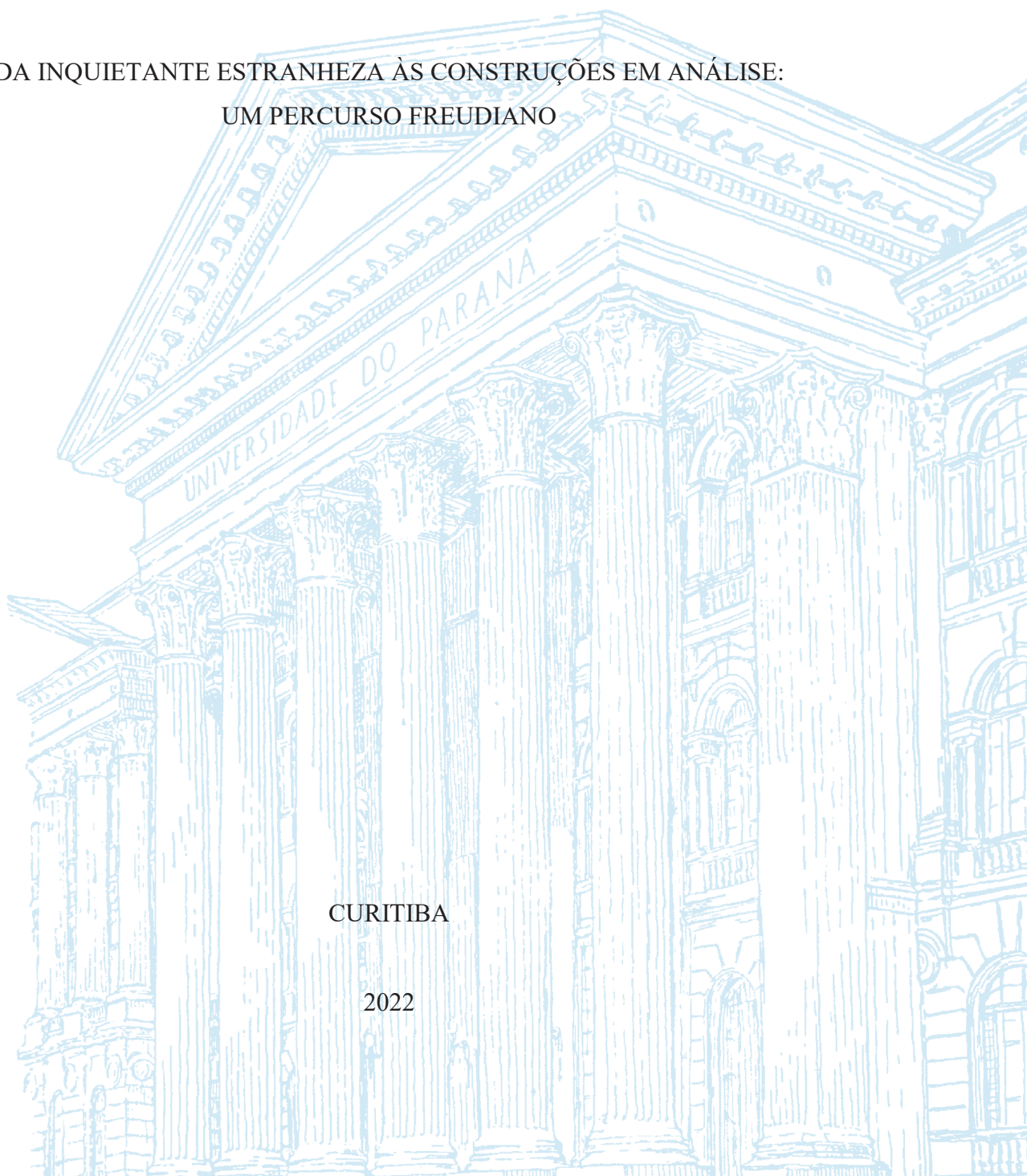
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUÍS ALBERTO GUSTAVO NIEMIES JEREMIAS

DA INQUIETANTE ESTRANHEZA ÀS CONSTRUÇÕES EM ANÁLISE:
UM PERCURSO FREUDIANO

CURITIBA

2022



LUÍS ALBERTO GUSTAVO NIEMIES JEREMIAS

DA INQUIETANTE ESTRANHEZA ÀS CONSTRUÇÕES EM ANÁLISE:
UM PERCURSO FREUDIANO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Stricto Sensu em Psicologia - Setor de Ciências
Humanas, da Universidade Federal do Paraná, como
requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em
Psicologia.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Nadja Nara Barbosa Pinheiro.

CURITIBA

2022

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Jeremias, Luís Alberto Gustavo Niemies Jeremias

Da inquietante estranheza às construções em análise: um percurso freudiano / Luís Alberto Gustavo Niemies Jeremias. – Curitiba, 2022.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Orientador: Profa. Dra. Nadja Nara Barbosa Pinheiro.

1. Fantasia. 2. Psicanálise. 3. Teoria freudiana. I. Pinheiro, Nadja Nara Barbosa, 1957. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

Bibliotecária: Romilda Aparecida dos Santos CRB-9/1214

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **LUIS ALBERTO GUSTAVO NIEMIES JEREMIAS** intitulada: **Da inquietante estranheza às construções em análise: um percurso freudiano**, sob orientação da Profa. Dra. NADJA NARA BARBOSA PINHEIRO, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 27 de Maio de 2022.

Assinatura Eletrônica

30/05/2022 15:12:52.0

NADJA NARA BARBOSA PINHEIRO

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

10/06/2022 12:06:10.0

KARLA PATRICIA HOLANDA MARTINS

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ)

Assinatura Eletrônica

07/06/2022 06:19:20.0

MARINA FERREIRA DA ROSA RIBEIRO

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO)

Aos meus pacientes.
Estes aguardam pacientemente pela (re)construção!

AGRADECIMENTOS

À Prof^ª. Dr^ª. Nadja Nara Barbosa Pinheiro, pelo acolhimento e orientação cuidadosa. Somente com seu *holding* foi possível essa construção em conjunto.

À Prof^ª. Dr^ª. Karla Patrícia Holanda Martins e à Prof^ª. Dr^ª. Marina Ferreira da Rosa Ribeiro, pelas considerações e direções apontadas em minha banca de qualificação, pela leitura atenta e pela participação na defesa desta dissertação. À Prof^ª. Dr^ª Maria Vitoria Campos Mamede Maia pela disponibilidade da leitura do meu trabalho.

Este trabalho só pôde ser construído porque encontrei apoio nas colegas Ana Paula Dilger e Jaqueline Borges Vieira. Juntos, formamos um trio. Fomos denominados pela Professora Nadja: Trio Vitruviano. Unidos nos tornamos e permanecemos a estrutura (*firmitas*), a função (*utilitas*) e beleza (*venustas*).

Aos colegas pesquisadores do Laboratório de Psicanálise da UFPR.

À Prof^ª. Dr^ª. Alexandra Arnold Rodrigues, à Prof^ª. Ms^a. Lilian Caron e ao Prof^o Dr^o. Alessandro Antonio Scaduto, pelo incentivo na escrita e na pesquisa acadêmica.

A Iara de Moura Engracia Giraldi e Miriam Cassiana do Prado, que foram as grandes incentivadoras e me acompanharam no percurso desta dissertação, de mãos sempre dadas.

À psicanalista Vera Marieta Fischer, por ouvir minhas escutas, e às companheiras do NEW (Núcleo de Estudos sobre o Pensamento em Winnicott) em Curitiba: Adri, Adriana, Eugênia, Jussara, Luciane, Maira e Michele.

Ao Michael Reuben, amigo que me acompanha nos últimos anos no Projeto sobre o Pensamento Clínico de André Green.

Às colegas do Grupo de Estudos Après-Freud, que vivenciam comigo a articulação dos textos freudianos com aqueles que continuaram seu pensamento.

Às duas psicanalistas que já partiram e deixaram saudades: Marilza Izidro de Pacheco de Carvalho (*in memoriam*) e Talya S. Candi (“z’l”) pela apaixonante transmissão da psicanálise.

A Sionéia Alves Cardoso de Souza, por (re)construir comigo a minha história.

Ao Marcos, pela construção do presente.

*De primeiro. Eu fazia e mexia, e pensar não pensava.
Não possuía os prazos. Vivi puxando difícil de difícil, peixe vivo
no moquém: quem mói no asp'ro, não fantasêia.
Mas, agora, feita a folga que me vem, e sem pequenos dessorseços,
estou de range rede. E me inventei neste gosto. De especular ideia.*

- Grande Sertão: Veredas
(João Guimarães Rosa)

RESUMO

A partir de uma questão clínica emergente no trabalho do psicanalista, ao se encontrar frente a um material que suscita, no paciente, uma sensação de estranheza inquietante, a presente pesquisa de dissertação buscou investigar, no texto freudiano, o estatuto conceitual do *Das Unheimlich*, reconhecido, em português, pela tradução da Imago, como “O Estranho”. Freud, em seu texto de 1919, destaca que essa sensação advém do material que surge em análise quando ocorre o retorno de um material psíquico que sofrera repressão na infância. O objetivo se deu sobre o trabalho do psicanalista quando se depara com as sensações de inquietante estranheza que surgem no decorrer do processo psicanalítico. Dessa forma, o primeiro capítulo da dissertação aborda o tema das lembranças infantis e memórias encobridoras, ambas permeadas pela fantasia e pela sexualidade infantil, destacando que, já nesse momento de sua obra, Freud indica que o encontro desse material primitivo suscita, nos pacientes, uma sensação de inquietante estranheza. O segundo capítulo da dissertação se orienta para o tema do Estranho e suas articulações com os três primeiros artigos metapsicológicos do autor: “O instinto e suas vicissitudes”, “A repressão” e “O inconsciente”, todos redigidos em 1915. Esse percurso teórico endereçou ao terceiro capítulo, o qual objetivou compreender o trabalho do psicanalista com esse material infantil que emerge na sessão analítica, utilizando-se para tal do caso clínico “História de uma neurose infantil” publicado por Freud em 1918. Por meio desse estudo, foi possível destacar que, a partir da noção de *après coup* (*a posteriori*), Freud introduz a ideia que seja possível, em análise, a reelaboração do material psíquico infantil na idade adulta. Para tal, o analista utiliza-se dos fragmentos de lembrança, assim como de sensações afetivas emergentes na relação estabelecida entre paciente e analista, para (re)construir um passado primitivo. O quarto e último capítulo da dissertação teve como foco a proposta freudiana sobre as *Construções em análise*, entendendo-as como instrumento clínico que permite a produção de um solo vivencial que reconfigura as vivências primitivas reprimidas, soterradas e esquecidas.

Palavras-chave: lembranças encobridoras, fantasias, “*das unheimlich*”, construções.

ABSTRACT

From a clinical question that emerges in the work of the psychoanalyst when faced with a material that raises in the patient a feeling of disquieting strangeness, the present dissertation research sought to investigate, in the Freudian text, the conceptual status of “Das Unheimlich”, recognized, in Portuguese, by the Imago translation, as 'The Stranger'. Freud in his 1919 text emphasizes that this sensation comes from the material that appears in analysis when the return of a psychic material that had suffered repression during childhood. Thus, the first chapter of the dissertation deals with the theme of childhood memories and covering memories, both permeated by fantasy and childhood sexuality, highlighting that already at this moment in his work, Freud indicates that the encounter of this primitive material raises, in patients, a feeling of disquieting strangeness. The second chapter of the dissertation focuses on the topic of The Stranger and its articulations with the author's first three metapsychological articles: “The instinct and its vicissitudes”, “The repression” and “The unconscious”, all written in 1915. This theoretical path led to the third chapter of the dissertation, which aimed to understand the psychoanalyst's work with this child material that emerges in the analytical session, using the clinical case “From the History of an Infantile Neurosis” published by Freud in 1918. Through this study it was possible to highlight that, from the notion of *après coup*, Freud introduces the idea that it is possible, in analysis, to re-elaborate the child's psychic material in adulthood. To this end, the analyst uses memory fragments as well as affective sensations emerging in the relationship established between patient and analyst, to (re)construct a primitive past. This is why the fourth and last chapter of the dissertation is focused on the Freudian proposal on the Constructions under analysis, understanding them as a clinical instrument that allows the production of an experiential ground that reconfigures repressed primitive experiences.

Keywords: screen memory, fantasies, “das unheimlich”, constructions.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Trabalho analítico	26
Figura 2 – Árvore com os lobos	61

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A MEMÓRIA COMO ARQUIVO ABERTO: LEMBRANÇAS E FANTASIAS	16
1.1 AUTOANÁLISE E CRIAÇÃO DA PSICANÁLISE: O INFANTIL, LEMBRADO E FANTASIADO	17
1.2 PSICOPATOLOGIA DAS LEMBRANÇAS ENCOBRIDORAS E A INFÂNCIA	23
1.3 A SEXUALIDADE E A AMNÉSIA INFANTIS.....	29
1.4 CONSIDERAÇÕES DO CAPÍTULO.....	33
2 O ESTRANHO NO CAMINHO DA METAPSICOLOGIA	35
2.1 O QUE PROPÕE FREUD SOBRE O TERMO “ <i>DAS UNHEIMLICH</i> ” (O ESTRANHO).....	36
2.2 INSTINTO: ESSE ESTRANHO (DES)CONHECIDO	41
2.3 A VICISSITUDE INSTINTUAL DA REPRESSÃO.....	42
2.4 INCONSCIENTE: ONDE O ESTRANHO TEM SUA MORADA JUNTO AS LEMBRANÇAS INFANTIS	44
2.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO.....	48
3 ARQUEOLOGIA DE UMA NEUROSE INFANTIL	49
3.1 RECORDAÇÕES, REPETIÇÕES E ELABORAÇÕES: O PSICANALISTA A CAMINHO DAS CONSTRUÇÕES	50
3.2 UMA NEUROSE INFANTIL E O “ <i>APRÉS COUP</i> ”	54
3.3 DO PRIMITIVO À FANTASIA – A CAMINHO DAS CONSTRUÇÕES	64
3.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO	69
4 O TRABALHO DE CONSTRUÇÃO	70
4.1 O MATERIAL QUE SERVE À CONSTRUÇÃO	72
4.2 DA CONSTRUÇÃO À RECONSTRUÇÃO	75
4.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	86

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema que será investigado na presente dissertação surgiu de uma observação clínica. Durante o trabalho em análise, alguns pacientes afirmam que o contato com determinado material resgatado de sua história primitiva provoca uma sensação de inquietante estranheza, duplamente, adquirindo certo tom sinistro e familiar. O que pode ser feito com esse material que se apresenta no tratamento analítico é uma questão clínica que solicita do psicanalista um regresso à teoria freudiana, sobretudo em torno do tema do *estranho*, apresentado, de forma central, no artigo de 1919, *Das Unheimlich*. Nele, o autor aponta uma direção de análise, a partir da articulação de dois caminhos para sua investigação. Um primeiro, que busca investigar os significados atribuídos à palavra “estranho”, no decorrer de sua história.

Um segundo caminho leva à reunião do que desperta, em nós, o sentimento de estranheza, isto é, as impressões sensoriais, experiências, que provocam a estranheza. Freud já nos apresenta um lugar no fim desse caminho, o estranho se encontra na categoria do assustador que remete ao conhecido em nós, ao primitivo e ao familiar. Essa experiência pode ser revivida no tempo da escrita dessa dissertação com o advento da pandemia de Covid-19 em março de 2020.

Em nossa perspectiva, o estranhamento que surge na cena analítica, quando o paciente, na recordação de suas memórias infantis se depara com algo como o descrito por Freud em seu texto, solicita do psicanalista um trabalho de construção. Ao relembrar e contar ao psicanalista suas memórias, o paciente não consegue dispô-las em sequência cronológica e nem lhes atribuir significados plausíveis, tornando necessário que o psicanalista produza um trabalho que permita que essa história primitiva, permeada por fantasias, possa ser (re)construída. Nesse ponto, propomos que o tema do estranho se conecte ao das construções em análise. Permeando toda a obra freudiana, especificamente, na “História de uma neurose infantil” (O homem dos lobos), de 1918, Freud se dedica ao estudo das construções realizadas na cena analítica, que se especifica por iniciar um trabalho que se realiza a partir da ativação de fragmentos de lembranças infantis que emergiram ao longo do processo de análise. Nesse texto, Freud, partindo de sua tese de que as neuroses do adulto são fundamentadas em uma neurose infantil, propõe um método de investigação clínica que desvela, camada por camada, nas fantasias inconscientes infantis, os pontos a partir dos quais uma (re)construção da cena original, se apresenta, simultaneamente, como ponto de partida das perturbações do

agora adulto e de possibilidades de elaboração, na clínica. Nessa proposta, o infantil encontrado no adulto, na forma de fragmentos de estratos psíquicos profundos, é percebido com estranhamento pelo paciente. Cabe ao psicanalista construir, em análise, a partir desses fragmentos ativados e revelados na cena analítica, em vistas à sua elaboração.

O paciente, durante a sessão de análise, se depara com sentimentos paradoxais, como os propostos por Freud, em 1919, no texto “*Das Unheimlich*”. Para Freud, essa expressão não se remete somente ao sentimento de angústia, e o que tem de assustador no termo se apresenta como um “núcleo” em seu *heimlich* além de significar o familiar – íntimo também tem o significado de oculto, secreto, dissimulado e até mesmo significado de perigoso (QUINODOZ, 2004).

O que deveria permanecer então “secreto” emerge no processo de análise, quando da ativação de lembranças infantis (FREUD, 1918). Partindo do “secreto” que emerge, é despertada também a angústia que remete ao medo da castração. A partir de uma articulação com o texto de 1918, “História de uma neurose infantil” (O homem dos lobos), encontramos o trabalho de ativação de lembranças infantis. Em contato com essas lembranças infantis, outrora recalcadas, o paciente se vê confrontado à angústia de castração.

A construção realizada por Freud na análise do sonho do Homem dos Lobos faz com que este se depare com a angústia de castração. A cena primária ativada faz com que o *Unheimlich* se apresente. Um destaque para o olhar, que entra como fator fundamental, pois é um dos medos mais terríveis das crianças é perder os olhos (FREUD, 1919). O medo da cegueira é tomado como um substituto da castração.

O Termo “*Unheimlich*” é trabalhado por Luiz Alberto Hanns em seu Dicionário comentado do alemão de Freud. Hans (1996) acrescenta que este termo trás referências a uma sensação de inquietação mais prolongada. Essa sensação coloca a pessoa em estado de prontidão, apontando uma semelhança ao estado de medo (*Angust*). Acrescenta que “o *das Unheimliche*” se apresenta como um prenúncio inquietante da proximidade e iminência da aparição do recalcado. O recalcado pode surgir mesclado a medos ancestrais (HANNS, 1996). Desta forma, se apresenta ainda mais assustador e inquietante.

Nesse trabalho de análise nos deparamos com as questões inerentes à memória das lembranças do período da infância. O ponto de partida para pesquisa sai das cartas trocadas com Fliess e seus esboços pré- psicanalíticos. Essas correspondências, trocadas

pelos dois amigos durante 15 anos, no período de 1898/1967 e 1904, são um rico material e valiosa fonte de informação.

No segundo capítulo desta dissertação, surge a proposta da articulação do tema “*Das unheimlich*” com os artigos metapsicológicos. Sua elaboração e publicação ocorreram no mesmo período e abrem o caminho para a inauguração da segunda tópica freudiana.

Segundo Pontalis (2012) a psicanálise toma da experiência a fonte de todo o seu saber. Mas ela mesma não saberia criar nenhum saber. Dado isso, para o autor, Freud constrói sua metapsicologia. Esses são “conceitos fundamentais da psicanálise, no mesmo sentido que se fala dos alicerces de uma casa, fundamentais para que ela se mantenha em pé. Os outros conceitos são apenas andaimes, que se retiram quando o edifício está pronto” (PONTALIS, 2012, p.103).

Quando da dificuldade em se obter uma rememoração total do que está recalado, o que impossibilita a eliminação da amnésia infantil, o psicanalista inicia um trabalho de (re)construção e propõe ao paciente esse material construído (LAPLANCHE; PONTALIS, 1982). Ainda que não produza o efeito de reviver, ou reativar, como propõe Freud, a recordação, ou fragmentos recalados, apresentam uma eficácia terapêutica.

O tema das construções em análise permeia toda a obra freudiana. É especificamente na “História de uma neurose infantil” (O homem dos lobos), de 1918, que Freud se dedica ao estudo das construções realizadas na cena analítica. Essas Construções são um trabalho que o psicanalista realiza com o material que surge na ativação da cena infantil trazida ao processo de análise. O termo ativação é proposto por Freud, no lugar da palavra recordação, pois denota o mesmo efeito de uma experiência recente e atual. Essa ativação de conexões emocionais que retornam na transferência estabelecida com o psicanalista gera a possibilidade de uma reunião de certo material esquecido pelo paciente. Esse material que nos interessa na análise e que surge após essa ativação é denominado por Freud de “matéria prima” (1937/1996, p. 272).

Laplanche e Pontalis (1982) descrevem o termo construção proposto por Freud como uma elaboração do psicanalista que se apresenta distante do material da interpretação. Tem como objetivo a reconstituição da história infantil da pessoa em que são considerados os aspectos reais e fantasísticos apresentados na cena analítica.

Em uma nota de rodapé no texto de 1918, Freud justifica que as impressões e impulsos, agora ativados pelas lembranças infantis, são revividos durante a análise,

porque somente agora, com processos mentais conscientes, a pessoa pode compreender o que aconteceu no passado. A questão das construções irá se estabelecer em todo o texto freudiano, culminando no texto de 1937 “Construções em análise”, em que Freud recomenda que o psicanalista construa o que foi esquecido (FREUD, 1939).

O trabalho do psicanalista é concebido como um trabalho realizado por um arqueólogo (FREUD, 1937). Esse trabalho vai reconstruindo as cenas primitivas da infância através da análise exaustiva das neuroses (FREUD, 1918). Essas construções não são uma reprodução das ocorrências reais, e sim consideradas produtos da imaginação que, na vida adulta, encontram fomento, e servem ainda como representantes dos verdadeiros interesses.

Ao retomarmos os casos clínicos apresentados por Freud, vemos o trabalho de construção presente em seus relatos. Segundo a introdução de James Strachey presente nas obras completas de Freud (1996), é possível encontrar dois ou três exemplos do trabalho das construções nos relatos dos casos clínicos: “*Rat Man*” (1909) e “*Wolf Man*” (1918). Também tem um importante papel desempenhado no texto “A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher” (1920).

Seguir a trilha para a consciência é a recomendação de Freud (1918/1996), pois os neuróticos são habilidosos em vincular a substitutos regressivos os produtos de sua imaginação. Essas cenas que se vinculam a substitutos regressivos não são reproduzidas como lembranças no tratamento psicanalítico, e sim produtos de construção.

Lembranças essas, muitas vezes verdadeiras, mas de certa forma, aparecem distorcidas de verdade. Elementos imaginários são intercalados e há que se considerar o aparecimento de lembranças encobridoras. Essas lembranças não são, comumente, “reproduzidas como lembranças, mas tem de ser pressentidas – construídas – gradativamente e laboriosamente a partir de um conjunto de indicações” (FREUD, 1918/1996, p. 60), como apresenta Freud em seu artigo de 1937 “Construções em análise”.

No artigo de 1937, Freud acrescenta que durante a análise há uma indução para que ocorra a recordação de algo experimentado e reprimido. Destaca que a tarefa do psicanalista é “a de completar aquilo que foi esquecido a partir de traços que deixou atrás de si ou, mais corretamente construí-lo” (FREUD, 1937/1996, p. 272).

O trabalho do arqueólogo é utilizado por Freud como ilustração ao trabalho realizado na análise. Entretanto, o material que aparece no trabalho analítico não está destruído e apresenta-se ainda vivo, o que faz com que o psicanalista trabalhe em

melhores condições do que um arqueólogo, vez que todos os elementos estão preservados e encontram-se em algum lugar. Mais uma diferença apontada por Freud é que o trabalho do arqueólogo tem como objetivo a reconstrução, enquanto a construção em análise é apenas um passo preliminar no trabalho da análise.

Nossa proposta de pesquisa parte de um método conceitual de investigação em Psicanálise, o qual propõe organizar a releitura do texto freudiano objetivando sua articulação com a clínica psicanalítica, em busca de respostas a questões que emergiram no próprio fazer clínico. Ou seja, propomos que a investigação teórica seja precedida por uma questão clínica, e, em decorrência, um regresso à práxis em um terceiro momento. Dessa forma, ele se caracteriza como uma retomada pelo psicanalista da teoria que sustenta sua práxis em busca de resolução de uma questão que sua clínica lhe suscita, singularmente, durante o trabalho analítico realizado junto aos seus pacientes, objetivando o alcance de um saber teórico que possa sustentar o próprio fazer clínico.

O método conceitual de investigação é um modelo que se localiza em um segundo momento, precedido pela questão clínica, e que possibilita o regresso à práxis em um terceiro momento.

Para Hermann todos os psicanalistas pesquisam, pois “o trabalho clínico, no dia a dia do consultório, é uma das formas mais elevadas de investigação” (2004, p. 27). Portanto, o trabalho de pesquisa é constante.

Conforme propõem Pinheiro, Lustoza e Pinheiro, uma pesquisa que tenha intenção psicanalítica “deve tomar como ponto de origem um impasse suscitado ao longo do desenvolvimento de um tratamento clínico psicanalítico” (2020, p. 02). As autoras defendem a realização de uma retomada do psicanalista à teoria que sustenta sua práxis em busca de resolução de uma questão que sua clínica suscita, questão essa observada durante o trabalho analítico junto aos seus pacientes. Desta forma, uma investigação sucede o impasse clínico na direção de uma formalização conceitual. Um terceiro momento então é promovido por essa formalização em que o psicanalista regressa à clínica “munido de referências teóricas mais rigorosas que lhe trarão sustentação na condução de sua práxis” (PINHEIRO; LUSTOZA; PINHEIRO, 2020, p. 02).

Além da escolha da metodologia, nossa investigação observa a questão histórica: o tempo em que Freud vivia e as ocasiões em que seus textos foram escritos. Assim, é possível acompanhar a construção do pensamento freudiano junto à sua experiência.

O percurso da dissertação inicia com o primeiro capítulo dedicado às lembranças infantis. Estas, atravessadas pela fantasia e pela sexualidade, vêm à tona, durante o processo psicanalítico e solicitam um trabalho de construção por parte do psicanalista.

O segundo momento se direciona para o conceito do “*Das Unheimlich*” e sua articulação com os textos metapsicológicos freudianos, ambos produzidos em um mesmo período.

O terceiro capítulo, intitulado “Arqueologia de uma neurose infantil”, resgata o caso clínico de Freud publicado em 1918 conhecido como “O homem dos lobos” e constitui uma visita ao processo de trabalho de Freud (1918) e sua articulação com o conceito de “*après coup*”, fundamental para a clínica psicanalítica.

O quarto capítulo aborda o conceito elaborado por Freud, em 1937, “As construções em análise”. O trabalho do psicanalista é comparado ao do arqueólogo, pois junto ao paciente vai construindo partes que ficaram suprimidas da memória e necessitam agora serem imaginarizadas para fins de elaboração.

1 A MEMÓRIA COMO ARQUIVO ABERTO: LEMBRANÇAS E FANTASIAS

*“Bato a porta da pedra.
 — Sou eu, me deixa entrar.
 Quero penetrar no teu interior
 Olhar em volta, Te aspirar como o ar.
 — Vai embora — diz a pedra.
 — Sou hermeticamente fechada.
 Mesmo partidas em pedaços
 Seremos hermeticamente fechadas.
 Mesmo reduzidas a pó
 Não deixaremos ninguém entrar”.*

(Wislaw Zsymborska, 1962)

Este trabalho, neste primeiro capítulo, direciona-se a um processo de investigação, que poderíamos denominar de arqueológico, na obra freudiana. Tomaremos como campo de pesquisa as cartas trocadas com Fliess e seus esboços pré-psicanalíticos. Essas correspondências¹, trocadas pelos dois amigos durante 15 anos, no período de 1898/1967 e 1904, são um rico material e valiosa fonte de informação. Entramos em contato não somente com a vida privada e profissional de Freud, como também “assistimos a evolução de seu pensamento ao longo desse período particularmente fecundo e ao desenvolvimento da autoanálise” (QUINODOZ, 2004, p. 31). Foi nesse processo que Freud se aprofundou em suas memórias e lembranças infantis para a construção de sua teoria.

Desse material coletado, seremos direcionados rumo aos primeiros textos freudianos, publicados no início do século XX. Nosso interesse é percorrer o caminho que nos leva a memórias e lembranças infantis, com foco no deslocamento, esquecimento e fantasias adjacentes a esse período de desenvolvimento infantil e sua atuação nos sintomas neuróticos. Assim, é possível construir hipóteses referentes à sua atuação nestes elementos infantis, no sentimento de inquietante estranheza surgido na cena analítica que será analisado no segundo capítulo desta dissertação.

¹ A correspondência foi adquirida por Marrie Bonapart de um antiquário vienense em 1936. Sua publicação ocorreu em 1950, quando foram editadas com a colaboração de Anna Freud e Ernest Kris. Essa publicação, intitulada “O nascimento da psicanálise”, contempla a compilação de 168 cartas de um total de 284. Estavam acompanhadas de um manuscrito inédito de Freud: “Projeto para uma psicologia científica”. Somente após a morte de Anna Freud, as cartas foram publicadas em sua totalidade no ano de 1986.

A partir da hipótese de que a inquietante estranheza que aparece na cena analítica traz consigo esse material infantil, iniciaremos apresentando as relações estabelecidas entre a autoanálise de Freud e o processo de criação da psicanálise como campo de saber específico. Esse capítulo inicia pelo artigo “Lembranças encobridoras” de 1889 e segue as pistas deixadas pelo editor inglês da Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Essas pistas nos levam a correspondência trocada por entre Freud e Fliess durante 15 anos, material autobiográfico de Freud. A direção se dá à psicopatologia das lembranças encobridoras e um resgate do papel da sexualidade e a função desta em sua articulação com a amnésia de alguns eventos. Período esse a que se somam camadas de memórias permeadas por lembranças derivadas da fantasia.

1.1 AUTOANÁLISE E CRIAÇÃO DA PSICANÁLISE: O INFANTIL, LEMBRADO E FANTASIADO

Por volta do verão de 1887, Freud está envolvido em sua autoanálise e interessado no funcionamento da memória e suas distorções. Passa e englobar em suas pesquisas as fantasias e a amnésia que podem ocorrer nos primeiros anos de vida, nos quais, segundo ele, a sexualidade infantil se apresenta como pano de fundo (FREUD, 1899/1996).

Dois anos mais tarde, em 1889, publica “Lembranças encobridoras”, tema esse intimamente relacionado a vários assuntos de seu interesse na época da construção do artigo. Vale destacar que em uma carta a Fliess, na data de 25 de maio de 1899, Freud ficará imensamente satisfeito com a produção do artigo: “usei a semana anterior a Pentecostes para escrever o ensaio ‘lembranças encobridoras’ [...] enquanto o produzia, gostei imensamente dele, o que não é um bom presságio para seu destino futuro” (FREUD, 1886/1996 p. 352). A lembrança encobridora pode ser considerada um conceito inédito (QUINODOZ, 2004). Relaciona-se a uma lembrança da infância que teve sua gravação na memória, com particular intensidade, apesar de um conteúdo presumivelmente insignificante. Conjeturar sobre essas lembranças pode ser útil para a reflexão sobre a origem das lembranças inconscientes, pois, como Freud tomou suas lembranças infantis durante sua autoanálise, é possível seguir o mesmo caminho. Desta forma, a direção se dá em volta da produção de fantasias que fazem parte das lembranças e fantasias construídas na infância.

O tema das lembranças encobridoras voltará ser ponto de pesquisa de Freud no final do capítulo IV de “Sobre a psicopatologia da vida cotidiana”, publicado em 1901. Para Ernest Jones (1899/1996), em nota à edição inglesa, os textos citados acima, remontam ao verão de 1897.

No início de seu artigo, Freud destaca que, no decorrer dos tratamentos que vem desenvolvendo com os casos de histeria e neurose obsessiva, tem “frequentemente lidado com recordações fragmentárias dos primeiros anos da infância” (FREUD, 1899/1996 p. 289), as quais acabam por permanecer na memória dos pacientes por ele atendidos. Em seu texto de 1896 “A etiologia das neuroses”, o autor já havia destacado a importância patogênica dessa época da vida.

Para Freud, essas experiências, acontecidas nos primeiros anos da infância, deixam traços que jamais podem ser erradicados do mais profundo da mente humana, ainda que, ao sabor da investigação e da averiguação na memória, esses traços e fragmentos isolados, acabem por adquirir certo caráter duvidoso ou enigmático. É comum que os pacientes procurem encontrar uma explicação para desconsiderar a nossa falta de memória das lembranças infantis. Essa falta, em muitas ocasiões, é justificada pelo caráter rudimentar mental que se apresenta na criança, porém, em seu desenvolvimento normal, ela apresenta por volta dos três ou quatro anos um sofisticado e amplo funcionamento mental (FREUD, 1899/1996). Não é possível encontrar nada que justifique uma amnésia sobre esses atos em idade posterior.

No decorrer do artigo, Freud se dedica a um inventário inicial. Pontua sobre o que essas recordações da primeira infância nos são capazes de fornecer, e o faz para que possa introduzir o tema das lembranças encobridoras. Uma das questões importantes que o autor nos apresenta neste inventário inicial se refere à questão do conteúdo usual destas primeiras lembranças do período da infância. Uma recomendação da psicologia dos adultos nos leva à espera de uma seleção dessas lembranças, seguidas de um despertar de emoções. Assim, podem ser reconhecidas como importantes. Após a avaliação de lembranças de crianças e adultos, Freud (1899/1996) acrescenta que o princípio que rege a escolha dessas lembranças é o mesmo para ambos. Cita o trabalho de Victor e Catherine Henri², o qual apresenta duas categorias de recordações de lembranças infantis: acontecimentos importantes na vida da criança, em um primeiro grupo, e situações vexatórias, dor física etc., em um segundo grupo. Porém, destaca que

² Victor e Catherine Henri observaram uma série de 88 pessoas e o relato de suas memórias originais. Publicado em 1898/1966, sob o título *Enquête sur les premiers souvenirs de l'enfance*.

é evidente que interesses distintos, da fase da vida, podem despertar essas lembranças no adulto e na criança.

FREUD (1989) relata com frequência em seu trabalho, segundo sua experiência, casos em que lembranças de eventos ocorridos na infância são substituídos por um evento ocorrido no mesmo período. Imagens mnêmicas e misteriosas podem ser encontradas na memória como fragmentos incompletos do evento ou acontecimento. FREUD (1889/1996) confirma que elementos foram omitidos da experiência e não esquecidos. Prova disso, é que através do tratamento psicanalítico, partes que foram então suprimidas em uma experiência infantil, surgem na cena analítica, se apresentando muitas vezes como estranhas e desconfortáveis. O autor mostra ainda que a parte importante da experiência é que foi suprimida, e pode então ser recordada através do tratamento psicanalítico. Neste contexto, destaca o papel da resistência. A resistência atua como uma força contrária à importância da recordação da experiência. Atua na tentativa de manifestação da lembrança, impedindo seu surgimento. Não há um funcionamento na tentativa de anulação dessas forças opostas, ao contrário elas passam a atuar mutuamente. Efetua-se então uma conciliação, numa analogia aproximada com a resultante de um paralelogramo de forças. Essa conciliação se apresenta da seguinte maneira:

o que é registrado como imagem mnêmica não é a experiência relevante em si —nesse aspecto, o primeiro associado ao elemento passível de objeção — e, nesse aspecto, prevalece a resistência; o que se registra é outro elemento psíquico intimamente associado ao elemento passível de objeção — e, nesse aspecto, o primeiro princípio mostra sua força: o princípio que se esforça por fixar as impressões importantes, estabelecendo imagens mnêmicas reprodutíveis. O resultado do conflito portanto, é que, em vez da imagem mnêmica que seria justificada pelo evento original, produz-se uma outra, que foi até certo ponto associativamente deslocada da primeira. E já que os elementos da experiência que suscitaram objeção foram precisamente os elementos importantes, a lembrança substituta perde necessariamente esses elementos importantes e, por conseguinte, é muito provável que se nos afigure trivial. Ela nos parece incompreensível porque nos inclinamos a buscar a razão de sua retenção em seu próprio conteúdo, ao passo que essa retenção se deve, de fato, à relação que existe entre seu conteúdo e um conteúdo diferente, que foi suprimido. Há entre nós um dito corrente sobre as falsificações, no sentido de que, em si mesmas, elas não são feitas de ouro, mas estiveram perto de algo realmente feito de ouro. É bem possível aplicar essa mesma comparação a algumas das experiências infantis retidas na memória. (FREUD, 1899/1996, p. 292-293).

O que ocorre nas lembranças infantis é mais um dos tipos possíveis de possibilidades em que conteúdos psíquicos tomam o lugar de outros (FREUD, 1899/1996). Freud destaca que elementos não essenciais da experiência acabam por

tomar o lugar de outros essenciais. Assumem, desta forma, uma representação deslocada, para algo que foi associado, ou “recalcamento acompanhado de substituição por algo próximo” (FREUD, 1899/1996, p. 293). Assim sendo, podemos encontrar neste processo — conflito, recalcamento e substituição envolvendo uma conciliação — a chave para a compreensão da formação dos sintomas psiconeuróticos. Ainda que esse processo possa ser encontrado também em pessoas normais³. Pessoas normais, para Freud neste caso, são as que não apresentam formações psiconeuróticas, e também são influenciadas por esse processo na escolha de suas lembranças infantis:

portanto, entre os vários fatores que contribuem para o fracasso de uma recordação ou para uma perda de memória, não se deve menosprezar o papel desempenhado pelo recalcamento, e isso pode ser demonstrado não só nos neuróticos, mas também (de modo qualitativamente idêntico) nas pessoas normais. Pode-se afirmar, muito genericamente, que a facilidade (e em última instância, também a fidelidade) com que dada impressão é despertada na memória depende não só da constituição psíquica do indivíduo, da força da impressão quando recente, do interesse voltado para ela nessa ocasião, da constelação psíquica no momento atual, do interesse agora voltado para sua emergência, das ligações para as quais a impressão foi arrastada etc. - não só de coisas como essas, mas também da atitude favorável ou desfavorável de um dado fator psíquico que se recusa a reproduzir qualquer coisa que possa liberar desprazer, ou que possa subsequenteemente levar à liberação de desprazer. Assim, a função da memória, que gostamos de encarar como um arquivo aberto a qualquer um que sinta curiosidade, fica desse modo sujeita a restrições por uma tendência da vontade, exatamente como qualquer parte de nossa atividade dirigida para o mundo externo. Metade do segredo da amnésia histérica é desvendado ao dizermos que as pessoas histéricas não sabem o que não querem saber; e o tratamento psicanalítico, que se esforça por preencher tais lacunas da memória no decorrer de seu trabalho, leva-nos à descoberta de que a tarefa de resgatar essas lembranças perdidas enfrenta certa resistência, que tem de ser contrabalançada por um trabalho proporcional a sua magnitude. No caso de processos psíquicos que são basicamente normais, não se pode, naturalmente, alegar que a influência desse fator tendencioso na revivescência das lembranças de algum modo supere, regularmente, todos os outros fatores que devem ser levados em conta (FREUD, 1898, p. 283).

No que tange ao tema das representações apresentadas por Freud, a mente é recheada de representações, conscientes e inconscientes. Aquelas de que temos conhecimento são chamadas de representações conscientes e são observadas de forma ativa em nossas mentes. As representações inconscientes são apresentadas para além destas. São encontradas nos fatos mais comuns da vida cotidiana. Permanecem em algum lugar, produzindo sentimento de inquietação. Acha-se mais claro, com o exemplo de Breuer no texto “Considerações teóricas” de 1897, em que relata sobre o incômodo

³ Freud, nessa época, utilizava o termo ‘normal’, mas que estamos cientes que não é apropriado.

gerado pelo esquecimento de uma de suas visitas médicas. Ao vasculhar suas lembranças, muitas vezes em vão, não consegue descobrir a causa da inquietação. Repentinamente, ela entra na consciência em forma de uma representação. Esteve presente todo o tempo, mas não na consciência. Completa ainda, que nosso estado de ânimo diário é muitas vezes afetado por “representações que existem e estão atuantes abaixo do limiar da consciência” (BREUER, 1897/1996, p. 251). Toda nossa vida é, de fato, constantemente influenciada por essas representações.

Breuer acrescenta que também nossa atividade intuitiva, de certo modo, é dirigida por representações inconscientes, em grande parte. Apenas as mais intensas e claras, são percebidas pela consciência. A grande massa de representações, na verdade, permanece inconsciente. A palavra representação inconsciente é, por si só, autocontraditória. Pertence à terminologia do pensamento consciente.

Conforme mencionado em um texto seu anterior⁴, Breuer acrescenta como determinante da clareza dessas representações, bem como a capacidade de observação pela consciência, as sensações de prazer e desprazer que desperta, por sua carga de afeto. Desta forma:

representações tais como essas, que, embora presentes, são inconscientes, não por causa de seu grau relativamente pequeno de nitidez, mas apesar de sua grande intensidade, podem ser descritas como representações que são inadmissíveis a consciência (BREUER, 1897 p. 253).

Portanto, Breuer propõe que possa existir uma divisão da mente. Não pode existir uma divisão da consciência. Uma parte consciente e outra inconsciente, que compõem a divisão psíquica das representações:

assim, quando falamos de representações que se encontram na região da consciência lucida e de representações inconscientes que jamais penetram na plena luz da consciência de si mesmo, quase inevitavelmente formamos quadros de uma árvore com o tronco à luz do dia e suas raízes na escuridão, ou de um edifício com seus escuros porões subterrâneos (BREUER, 1897, p. 256).

Na continuação do texto de 1899/1996 “Lembranças encobridoras”, Freud nos apresenta um caso para auxiliar na compreensão destes processos. Segundo a nota de rodapé do editor inglês, não há dúvida que o material apresentado no caso é um material autobiográfico (QUINODOZ, 2004), superficialmente disfarçado. É possível encontrar

⁴ As excitações tônicas intracerebrais – Os afetos (Breuer, 1897).

uma clara evidência da construção sobre uma memória infantil, aos moldes do método apresentado em *Interpretação dos Sonhos*, publicado em 1900.

Freud vai construindo sobre a cena rememorada da infância, em que muitas vezes é apresentada como fantasia. O elemento fantasia aparece aqui como uma possível projeção, em que o paciente de Freud apresenta uma sobreposição de “duas fantasias, uma na outra e fez delas uma lembrança infantil” (FREUD, 1899/1996, p. 300). É ocorrência comum a construção de coisas como essa relatada pelo autor, similares a obras de ficção. No que tange a construção de uma memória permeada pela fantasia, não é possível obtermos uma garantia sobre os dados que são produzidos em nossa memória.

Recordações permeadas pela fantasia em que o “valor reside no fato de representar na memória impressões e pensamentos de uma data posterior cujo conteúdo está ligado a ela por elos simbólicos ou semelhantes, pode perfeitamente ser chamada, de lembrança encobridora” (FREUD, 1899/1996, p. 301). Geralmente essa lembrança permeada pela fantasia, adquire um status de realização de desejos recalcado, algo que nunca aconteceu, mas foi introduzida nas lembranças infantis. Se faz necessário que a fantasia encontre um ponto de contato, em que o conteúdo que remanesce da fantasia pode vir a ser remodelado, com a ajuda de legítimos pensamentos intermediários, se conectar a pontos de contato relevantes ao conteúdo da cena infantil. Pois como Freud acrescenta “é fácil para nossa engenhosidade construir pontes de ligação entre dois pontos quaisquer” (FREUD, 1899/1996, p. 303).

As lembranças encobridoras podem ser referidas como regressivas e progressivas, a depender de uma relação cronológica sobre o evento a ser encoberto e a o que é encoberto. Esses processos estão intimamente envolvidos na construção de nossos estoques de lembranças: “é como se um traço mnêmico da infância se retraduzisse numa forma plástica e visual em época posterior — na época do despertar da lembrança. Mas nenhuma reprodução da impressão original jamais penetrou na consciência do sujeito” (FREUD, 1899/1996, p.306).

Faz-se necessário aqui o resgate da questão do esquecimento proposto por Freud em 1898 em seu artigo “O mecanismo psíquico do esquecimento”. Em carta de 22 de setembro de 1898, relata a Fliess o envio de um artigo para publicação em que constrói a teoria do mecanismo psíquico do esquecimento. É a primeira publicação em

que podemos encontrar o tema de “ato falho” na obra freudiana⁵. A partir de um exemplo de um esquecimento em uma viagem sua, Freud vai finalmente elucidando a questão em relação aos afetos que são despertados pelas representações, em que um “fluxo de representações recalçado, se apodera na neurose, de uma ingênua impressão recente e a faz imergir com ele no recalque” (FREUD, 1898/1996, p. 282).

Para tudo isso, Freud destaca que essas lembranças encobridoras podem ter surgido em período de vida posterior. Período esse em que foi possível conferir um lugar aos conteúdos na vida mental, permanecendo ainda desconhecida a lembrança que foi forjada nessa falsa memória. Nossas lembranças acabam por revelar que nossos anos infantis não foram como realmente nos vem à lembrança. Inúmeros motivos, esses não preocupados com uma precisão histórica ou cronológica, tomaram partido na formação e seleção de nossas lembranças.

1.2 PSICOPATOLOGIA DAS LEMBRANÇAS ENCOBRIDORAS E A INFÂNCIA

Freud (1901/1996) ressalta que as lembranças encobridoras, que têm como material as reservas mnêmicas, desempenham um papel importante nos processos de pensamentos das neuroses. São configuradas com uma posse permanente e constante e há um acompanhamento dessas lembranças por toda nossa vida. Como já comentado no início deste capítulo, o autor dedica a elas uma sessão chamada “Lembranças da infância e lembranças encobridoras” no volume IV de suas obras completas “Sobre a psicopatologia da vida cotidiana” publicado em 1901.

Para Freud (1901/1996) a memória apresenta um funcionamento tendencioso, onde é possível atentar que:

a mais remotas lembranças da infância de uma pessoa, frequentemente parece preservar-se aquilo que é indiferente e sem importância, ao passo que (amiúde, mas não universalmente), na memória dos adultos, não se encontra nenhum vestígio de impressões importantes, muito intensas e plenas de afeto daquela época. (FREUD, 1901, p. 61)

A memória organiza-se em torno de um trabalho de seleção entre o que nós é ofertado. Esse trabalho de seleção acontece na infância, de uma forma totalmente distinta da que acontece em estágios de maior desenvolvimento maturacional. Esta

⁵ Segundo nota do editor inglês, o artigo “o Mecanismo psíquico do esquecimento” de 1898, foi o primeiro texto em que Freud faz referência ao “ato falho”. É também a base de abertura de seu artigo publicado três anos depois que compõe o primeiro capítulo de A Psicopatologia da vida cotidiana.

seria, segundo Freud (1901/1996) a primeira impressão que se poderia presumir. Mas em uma investigação mais apurada, essa suposição é desnecessária. Deparamo-nos em frente a um processo de deslocamento. Em vista que:

as lembranças indiferentes da infância devem sua existência a um processo de deslocamento: são substitutas, na reprodução [mnêmica], de outras impressões realmente significativas cuja recordação pode desenvolver-se a partir delas através da análise psíquica, mas cuja reprodução direta é impedida por uma resistência. De vez que as lembranças indiferentes devem sua preservação, não ao seu próprio conteúdo, mas a um vínculo associativo entre seu conteúdo e outro que está recalcado, elas podem fazer jus ao nome de “lembranças encobridoras” (FREUD, 191-01/1996 p.61).

Em um primeiro exemplo oferecido por Freud, sua intenção é dar ênfase à relação temporal que ocorre entre a lembrança encobridora e o conteúdo que foi encoberto por ela. Na descrição de um tipo específico de deslocamento: retroativo ou retrocedente (FREUD, 1901/1996), faz menção a lembranças encobridoras pertencentes aos primeiros anos de vida, em que as vivências do pensamento são substituídas na memória por experiências que correspondem a vivências posteriores na vida do sujeito.

Sobre a multiplicidade dos vínculos das lembranças encobridoras, é frequente o encontro de uma relação oposta: “uma impressão indiferente de época recente se consolida na memória como lembrança encobridora” (FREUD, 1901/1996, p.62). Neste caso, as resistências impediram a ocorrência da ligação com um evento anterior. Seria essa a primeira possibilidade. Em segundo lugar estão localizadas o que podemos compreender como lembranças adiantadas ou avançadas. O deslocamento aqui se apresenta em direção a frente, situação em que a memória se ocupa com algo de ordem temporal, localizada atrás da lembrança encobridora. E como terceira possibilidade, tem-se a vinculação de uma impressão encoberta, não apenas pelo conteúdo, todavia ainda, pela contiguidade temporal. São elas as lembranças encobridoras simultâneas e contiguas (FREUD, 1901/1996).

Como as lembranças nos acompanham por toda nossa vida, o esquecimento está em uma categoria e em outra temos a retenção. Ambas as categorias apresentam coincidências em relação às falhas no recordar: “o que a memória reproduz não é o que deveria ser corretamente reproduzido, mas algo diverso que serve de substituto” (FREUD, 1901/1996, p. 62). As lembranças encobridoras têm sua etiologia centrada de impressões importantes, o que difere do exemplo citado por Freud do

esquecimento de nomes. Neste caso a lembrança se dá sob a formação de nomes substitutos.

Algum fator perturbador desencadeia esse funcionamento, e se apresenta de formas distintas no caso do esquecimento dos nomes e das lembranças encobridoras, que é de nosso interesse científico aqui. Possuímos as lembranças encobridoras e ficamos surpresos com a descoberta de que as temos. Em uma análise psicológica, podem ser reveladas formações substitutivas produzidas da mesma forma em ambos os casos pela via do deslocamento, em que; “são precisamente as dessemelhanças entre os dois fenômenos, quanto a seu material, duração e ponto focal, que contribuem para aguçar nossa expectativa de haveremos descoberto algo importante e de validade universal” (FREUD, 1901/1996, p.63). Esse universal se direciona a uma tendência em favor de uma lembrança e um empenho de trabalho contra outra.

Freud dá início à segunda parte do texto, acrescentada em 1904, com um questionamento “até que ponto da infância recuam nossas lembranças?” (FREUD, 1901/1996, p.63). Para que possamos responder a essa questão, o autor nos orienta que não basta somente nos atermos às investigações e publicações a esse respeito. Além disso, se faz necessário que o que fornece o material e a informação, referente à infância, participe do processo de investigação. É comum uma justificativa indiferente em relação à perda da lembrança de nossos anos infantis, e desta forma do deixamos de encarar como um estranho enigma. É possível encontrar nas amnésias localizadas na base da formação dos sintomas neuróticos o papel dos esquecimentos da infância. Estes podem nos fornecer a decifração para a compreensão destas manifestações de amnésia.

Em uma carta a Fliess datada de 10 de março de 1898, encontramos uma referência de Freud a uma conexão entre a amnésia infantil e as psiconeuroses. Freud frisa que a vida onírica aparenta uma derivação dos resíduos da fase pré- histórica da vida, entre um e três anos de idade (FREUD, 1898/1996). Nesta carta encontramos a afirmação de que “o mesmo período que é fonte do inconsciente e que contém sozinho, a etiologia de todas as psiconeuroses” (Freud, 1898/1996, p. 303). Este período, também é normalmente caracterizado por uma amnésia análoga à amnesia histórica.

Freud sugere uma seguinte fórmula ao processo:

O que é visto no período pré-histórico produz sonhos; o que é ouvido nesse mesmo período produz fantasias; o que é experimentado sexualmente, ainda no mesmo período, produz as psiconeuroses. A repetição daquilo que foi experimentado nesse período é, em si mesma, a realização de um desejo; um desejo recente só conduz a um sonho quando consegue estar em conexão com

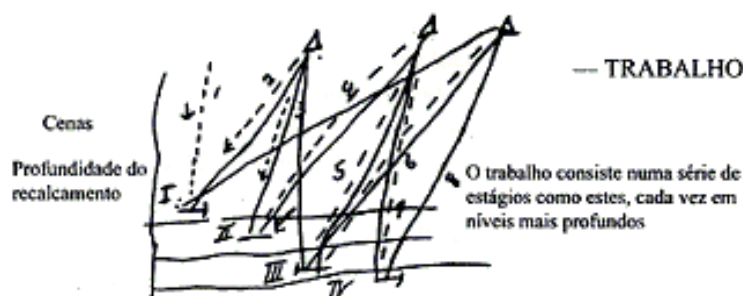
material proveniente desse período pré-histórico, quando o desejo recente é um derivado pré-histórico (FREUD, 1898 p.303).

Uma nota de rodapé do editor inglês nos aponta os rascunhos L e M, breves escritos intitulados a “Arquitetura da Histeria”, ambos anexos às cartas 62 e 63 de 1897. São encontradas alusões de Freud no que tange a fantasia. No início do rascunho, temos registrado o interesse investigativo de Freud neste apontamento “chegar [retroativamente] às cenas primevas” (FREUD, 1897/1996, p. 303). Em alguns casos, essas cenas primevas podem ser acessadas diretamente, mas, em outros, somente tomando um caminho indireto, através da fantasia. Vale destacar o texto do rascunho:

as fantasias são fachadas psíquicas construídas com a finalidade de obstruir o caminho para essas lembranças. As fantasias servem, ao mesmo tempo, à tendência de aprimorar as lembranças, de sublimá-las. São feitas de coisas que são ouvidas e posteriormente utilizadas; assim, combinam coisas que foram experimentadas e coisas que foram ouvidas, acontecimentos passados (da história dos pais e dos ancestrais) e coisas que a própria pessoa viu. Relacionam-se com coisas ouvidas, assim como os sonhos se relacionam com coisas vistas. Nos sonhos, realmente, não ouvimos nada, nós vemos (FREUD, 1897/1996 p. 303).

Freud detalha que algumas cenas têm acessibilidade, mas outras somente podem ter seus acessos sendo mediadas por fantasias erigidas sobrepostas a elas. A fórmula proposta é da apresentação de uma ordem crescente de resistência, em que cenas que demandaram menor quantidade de energia para o recalçamento vêm à luz em um primeiro momento e se apresentam de uma forma incompleta. É através da descida em círculos até as cenas infantis e primitivas, que ocorre no trabalho analítico. Desce de um sintoma a algo que está localizado em uma maior profundidade, descendo a partir do sintoma ainda mais. Toma a forma de círculos repetitivos através de pensamentos que estão localizados atrás do sintoma, como no esquema apresentado por Freud:

Figura 1 – Trabalho analítico



Fonte: FREUD, S. (1893). Rascunho M. In: FREUD, S. 1996, p. 306.

Em continuidade ao rascunho, Freud (1897/1996) acrescenta que o trabalho de uma combinação inconsciente e de coisas e situações experimentadas e ouvidas, permeadas por determinadas tendências, são a origem das fantasias. As tendências corroboram na direção de tornar inacessíveis as fantasias, cuja lembrança possa suscitar na emergência de sintomas psiconeuróticos.

A construção das fantasias ocorre:

por um processo de amálgama e distorção análogo à decomposição de um corpo químico que está combinado com outro. Pois o primeiro tipo de distorção consiste numa falsificação da memória por um processo de fragmentação, no qual especialmente as relações cronológicas são postas de lado. (As correções cronológicas parecem depender justamente da atividade do sistema da consciência.) Um fragmento da cena visual junta-se, depois, a um fragmento da experiência auditiva e é transformado numa fantasia, enquanto o fragmento restante é ligado a alguma outra coisa. Desse modo, torna-se impossível determinar a conexão original. Em consequência da construção de fantasias como esta (em períodos de excitação), os sintomas mnêmicos cessam. Em vez destes, acham-se presentes ficções inconscientes não sujeitas à defesa. Quando a intensidade dessa fantasia aumenta até um ponto em que forçosamente irromperia na consciência, ela é recalçada e cria-se um sintoma mediante uma força que impele para trás, indo desde a fantasia até as lembranças que a constituíram (FREUD, 1897/1996, p. 307).

As angústias e fobias eram objetos de investigação neste período. Freud destaca que seus sintomas derivam de fantasias. Nem assim simplificando os sintomas. Pode haver um terceiro movimento (FREUD, 1897/1996) direcionado à frente e um terceiro dispositivo utilizado para a construção de sintomas.

De volta ao texto de 1901, é de compreensão que os esquecimentos da infância podem nos fornecer a senha para a base da formação dos sintomas neuróticos. Algumas lembranças da infância, ainda que conservadas, se apresentam de uma forma completamente inteligível. Quando da submissão destas lembranças ao tratamento psicanalítico, são encontrados elementos em que determinadas imagens “mnêmicas certamente são falsificadas, incompletas ou deslocadas no tempo e no espaço” (FREUD, 1901/1996, p. 64). Ao longo do tratamento, vamos ao encontro da descoberta de motivos que levaram à distorção e ao deslocamento, compreensíveis, frente à experiência vivenciada. Forças poderosas de posteriores épocas da vida do sujeito atuaram na modelagem da capacidade de lembrar as vivências infantis. São as mesmas forças que atuam na alienação da compressão dos anos decorridos na infância.

Dentre todas essas articulações de Freud (1901/1996), destacamos que o traço mnêmico verdadeiro não é de nossa pessoa. O que temos é um material que sofreu uma elaboração posterior. Elaboração que pode ter sofrido diversas influências de forças

psíquicas que se sobrepuseram posteriormente. Para tanto, o significado de lembranças do período da infância adquire o status de “lembranças encobridoras”. Oferecem deste modo “uma notável analogia com as lembranças da infância dos povos, preservadas nas lendas e nos mitos” (FREUD, 1901/1996, p. 65).⁶

De certa forma, o método da psicanálise direciona para uma investigação anímica, em que são encontrados diversos tipos de lembranças encobridoras. Para que seja marcada como uma lembrança encobridora, há necessidade de que a lembrança infantil passe por um minucioso trabalho, em que a exposição da biografia da pessoa precisa ser completa, o que denota a dificuldade e o investimento necessários a esse trabalho. É possível observar tais dificuldades no caso que Freud acrescenta em sua obra. Vamos ao caso:

Um homem com graves inibições em sua vida amorosa, agora com mais de quarenta anos, é o mais velho de nove filhos. Tinha quinze anos quando nasceu o mais novo dentre seus irmãos, mas afirma com absoluta certeza que nunca havia notado nenhuma das gestações de sua mãe. Sob a pressão de minha incredulidade, ocorreu-lhe a lembrança de, certa vez, aos onze ou doze anos, ter visto a mãe desatar a saia apressadamente diante do espelho. Acrescentou então, sem ser pressionado, que ela chegara da rua e inesperadamente sentira as contrações do parto. O desatar [“Aufbinden”] da saia era uma lembrança encobridora do parto [“Entbindung”]. (FREUD, 1905/1996, p. 66)

Na própria autoanálise de Freud, já citada anteriormente neste capítulo, é possível identificar o importante papel desempenhado pelas lembranças encobridoras. Aparecem nas cartas a Fliess em 3, 4 e 15 de outubro de 1897 menções a situações vividas por Freud em sua primeira infância que desembocaram em lembranças encobridoras. Freud se depara com o não descobrimento de cenas que estão na origem de uma história relacionada a seus anos vivenciados antes da idade de 3 anos. A babá de Freud, à época, descrita na carta de 3 de outubro como uma mulher idosa e feia, que o instrui em tenra idade sobre deus todo poderoso e o inferno. Em uma cena rememorada de um vislumbre de sua mãe em que Freud teve a oportunidade vê-la nua, interligada a chegada de seu irmão mais novo que morre alguns meses depois: “saudei a chegada de meu irmão um ano mais novo, que morreu após alguns meses, com desejos hostis e um

⁶ Freud desenvolve esse tema no capítulo do II de seu ensaio sobre Leonardo da Vinci publicado posteriormente em 1910. Essa questão será abordada à frente.

autêntico ciúme infantil; e que a morte dele deixou em mim o germe das auto-recriminações” (Freud, 1897 /1996 p. 269)⁷.

Na nota de rodapé da carta de 4 de outubro de 1897, encontramos um apontamento referente à fantasia em que as experiências primitivas desempenham um papel crucial na determinação do presente. Com a expressão *experimenta crucis*, Freud se refere sem dúvida ao resgate de lembranças não acessíveis à consciência (FREUD, 1897/1996, p. 271). Não são raros que esses chamados, “mal entendidos de uma cena infantil” (FREUD, 1901/1996, p. 67) possam ser encontrados no trabalho da análise e preservados na memória. Não se sabe ao certo em que está centrada a situação lembrada e quais elementos devem obstinar-se o acento da psique.

1.3 A SEXUALIDADE E A AMNÉSIA INFANTIS

Quinidoz (2004), assinala que Freud, ao realizar seu trabalho como psicanalista, no ato de ouvir os relatos de lembranças e sonhos de pacientes, bem como analisando os seus próprios, em sua autoanálise, vivencia uma importante descoberta: a existência de emoções, sensações e pensamentos de conteúdo sexual nas crianças. Pontos esses de difícil distinção entre a realidade e a fantasia, pois por trás destas últimas, há uma revelação da vida sexual da criança em toda sua amplitude (FREUD, 1914/1996). Do mesmo modo, trata sobre esses temas em seus “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” de 1905⁸, que virá mais a frente em nosso trabalho.

Do que se trata aqui a sexualidade infantil? Para Quinodoz (2004) o que é entendido com sexualidade infantil para os psicanalistas:

“não inclui apenas as atividades eróticas mais diversas que se podem observar nas crianças, assim como os pensamentos e os desejos que elas expressam na mais tenra idade; o que se entende por sexualidade infantil designa igualmente o conjunto do processo de transformações psíquicas e corporais que se desenvolvem até a puberdade e a adolescência. Esse processo começa nas primeiras emoções sensuais sentidas pelo recém-nascido que suga o seio de sua mãe durante a amamentação e continua se organizando etapa por etapa até atingir a maturidade genital que caracteriza a idade adulta”. (p.33)

Portanto, a sexualidade infantil refere-se ao processo no qual a sexualidade desempenha um papel organizador e determinante, e refere-se ao conceito de sexualidade em um sentido mais amplo do que a genitalidade.

⁷ Encontramos aqui novamente incrustado, o papel das repressões. Este assunto será abordado no segundo capítulo, em articulação com os artigos metapsicológicos.

⁸ Será abordado em momento posterior nesta dissertação.

Para a compreensão do tema da sexualidade, dada sua amplitude, o artigo “A sexualidade na etiologia das neuroses”, publicado por Freud em 1898, nos auxilia neste trabalho. Nosso interesse aqui se localiza na parte inicial do artigo, em que as questões da vida sexual relacionadas às psiconeuroses se situam à época da primeira infância. Segundo nota do editor inglês, este artigo foi finalizado em 9 de fevereiro de 1898, mas é na carta de 10 de março de 1898 que encontramos fragmentos referentes ao tema:

parece-me que a teoria da realização de desejos trouxe apenas a solução psicológica, e não a biológica — ou melhor, metapsíquica. (A propósito, vou perguntar-lhe a sério se posso usar nome de metapsicologia para minha psicologia que se estende para além da consciência. Biologicamente, a vida onírica me parece derivar inteiramente dos resíduos da fase pré-histórica da vida (entre um e três anos de idade) — o mesmo período que é fonte do inconsciente e que contém sozinho, a etiologia de todas as psiconeuroses, período este normalmente caracterizado por uma amnésia análoga à amnésia histórica. A seguinte fórmula me é sugerida: aquilo que é visto no período pré-histórico produz os sonhos; o que é ouvido nele produz as fantasias; o que é sexualmente experimentado produz as psiconeuroses. A repetição do que foi experimentado nesse período é, em si mesma, a realização de um desejo; um desejo recente só leva a um sonho quando consegue ligar-se a algum material proveniente desse período pré-histórico, quando o desejo recente é derivado de um [desejo] pré-histórico, ou quando consegue ser adotado por um destes (p. 302-303).

Esse período foi extremamente importante para o desenvolvimento do pensamento freudiano e da construção da psicanálise. O tema da sexualidade infantil e seu reconhecimento como fator universal era apreciado por Freud à época. Na carta de 14 de novembro de 1897, encontramos fragmentos referentes à sexualidade infantil e ao desenvolvimento psicosssexual e das zonas de excitação. Para Freud, o desbloqueio da sexualidade no adulto é determinado por três vias. A primeira através da estimulação periférica dos órgãos sexuais, uma segunda proveniente da excitação interna desses órgãos, e uma terceira via que procede das ideias, ou seja, “traços mnêmicos” (FREUD, 1986/1897, p.280). Nesta carta, Freud se dedica, ainda, ao tema da lembrança que produz, anos depois, uma libertação da sexualidade infantil que estava sob latência até a puberdade. O que pode ocorrer então é uma conexão com a lembrança de excitações das zonas sexuais abandonadas, em que o efeito não é uma libertação da libido, mas sim o efeito de um desprazer “dito de modo grosseiro, a lembrança fede, da mesma forma, que, no presente o objeto cheira mal; e, do mesmo modo que afastamos nosso órgão sensorial (a cabeça e o nariz). enojados, o pré-consciente e o sentido da consciência desviam-se da lembrança. Isto é o recalçamento” (p.281).

Os fatores que emergem da vida sexual, são encontrados em todos os casos de doença neurótica. Essa afirmação é apresentada por Freud devido às suas pesquisas exaustivas realizadas durante vários anos. Acrescenta a necessidade de que a interrogação da vida sexual dos pacientes não pode ser evitada, pois ela fornece elementos para a certificação que a sexualidade se encontra no fundamento das neuroses. É dever do psicanalista se embrenhar nesta investigação da vida sexual de seus pacientes, pois “se os fatores precedentes da vida sexual precisam realmente ser reconhecidos como causas de doença, então, por essa mesma razão, a investigação e a discussão deles incluem-se automaticamente na esfera do dever do médico” (FREUD, 1898/1996, p. 254). Caso não seja possível essa investigação por parte do psicanalista, Freud deixa clara sua recomendação, a desistência por parte do psicanalista do tratamento de pacientes neuróticos.

Quando, no tratamento analítico, acontece a investigação da vida sexual do paciente, muito fatores são condizentes ao momento atual da vida, ou dizem respeito à parte da vida que se desenrola após a fase da vida que atinge sua maturidade sexual. Na verdade, Freud (1898) adverte que essas observações nos são pouco úteis no tratamento psicanalítico, se quisermos compreender o papel da sexualidade na etiologia das neuroses. Salienta que os acontecimentos e influências que se situam na raiz de toda psicose não pertencem ao momento atual. Esses fatos têm sua localização em “uma época da vida há muito passada, que é, por assim dizer, pré-histórica, à época da primeira infância, e eis que o paciente também nada sabe deles. Ele os esqueceu, embora apenas em determinado sentido” (p.257).

À época, Freud observava ainda uma diferenciação etiológica das neuroses, neurastenias e psicose, em que os fatores que a acarretam essa última são de natureza infantil. Mas salienta que há uma psicose existente, histeria ou neurose obsessiva, por trás dos casos tomados como neurastenia. Salienta que:

ao reportarmos as vicissitudes da enfermidade de um indivíduo às experiências de seus ancestrais, fomos longe demais; esquecemos que, entre a concepção e a maturidade de um indivíduo, há um longo e importante período da vida - sua infância -, no qual se podem adquirir os germes da doença posterior. E isso é o que efetivamente ocorre com a psicose. Sua verdadeira etiologia é encontrada nas experiências infantis, e mais uma vez - exclusivamente -, nas impressões referentes à vida sexual. Erramos ao ignorar inteiramente a vida sexual das crianças; segundo minha experiência, as crianças são capazes de todas as atividades sexuais psíquicas, e também de muitas atividades somáticas (FREUD, 1898/1996, p. 268).

A vida sexual não tem seu início na puberdade, e a organização e a evolução da espécie humana não têm medido esforços para que se evite a observação de uma ampla atividade sexual durante o período da infância. As experiências sexuais que ocorrem na infância têm um efeito de grau muito reduzido, um efeito retardado (FREUD, 1898/1996), que têm sua manifestação em períodos posteriores do crescimento. A origem desse efeito retardado está localizada “nos traços psíquicos deixados pelas experiências sexuais infantis” (FREUD, 1989, p. 269). Essas experiências sexuais, chamadas de primitivas por Freud, levam à formação de funcionamentos psicopatológicos.

Neste momento de sua obra, Freud (1898) nomeia que o principal fator de base para a teoria das psiconeuroses está localizado na “natureza adiada do efeito e o estado infantil do aparelho sexual e do instrumento mental” (p.269). Desta forma, como as manifestações psiconeuróticas são originadas em uma ação protraída de inconscientes traços psíquicos, o processo terapêutico é o meio de acesso mais efetivo para esses casos. Freud nomeia aqui o processo terapêutico como “psicanalítico”, apontando que esse processo se difere dos tratamentos seguidos, como a sugestão, hipnose ou mesmo o método catártico. Esse processo é descrito por Freud juntamente com Breuer na publicação “Estudos sobre a histeria” de 1895.

A partir do que observamos com a constatação de que as psiconeuroses estão localizadas “nos traços psíquicos deixados pelas experiências sexuais infantis” (FREUD, 1989, p. 269), observamos que a amnésia infantil, teorizada por Freud em 1905, é fundamental para a ocorrência destes fatores.

Redigido em 1905, a obra “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” apresenta uma deferência à questão da amnésia infantil, localizada na segunda parte do trabalho, em que Freud se debruça sobre o fenômeno psíquico da amnésia, uma forma de singular amnésia (presente na maioria das pessoas, mas não em todas) que encobre os primeiros anos de vida (FREUD, 1905/1996), até por volta dos seis, oito anos de idade.

A pungente questão de Freud nos coloca frente à necessidade de discutirmos o papel da sexualidade na amnésia infantil “porque será que terá nossa memória, ficando tão para trás em relação as nossas atividades anímicas?” (FREUD, 1905/1996, p. 164). A época da infância é uma época da vida de extrema importância no que tange a capacidade de recepção e reprodução. São preservados deste período, pelo que somos informados, lembranças incompreensíveis e fragmentos de reações frente à dor, alegria,

amor, ciúmes e outras paixões. Essas impressões se dão através de algo que é colocado pelas observações dos adultos, e desta forma, nada sabemos sobre isso. Mas, diante de uma investigação analítica, é perceptível que as impressões até então esquecidas, apenas encontradas como rastros em nossa vida anímica (FREUD, 1905/1996), foram determinantes em nosso desenvolvimento.

Para Freud, não há um declínio real das impressões infantis, mas sim “numa amnésia semelhante à que observamos nos neuróticos em relação a vivências posteriores, e cuja essência, consiste num mero impedimento da consciência (recalcamento)” (FREUD, 1905/1996, p. 165), sendo que a existência da amnésia infantil nos encaminha a um ponto de comparação entre o estado anímico da criança e o dos psiconeuróticos.

Esse ponto já foi apresentado na presente dissertação na menção à carta de Freud a Fliess em 10 de março de 1998, em que se articula com um mero jogo de palavras a amnésia infantil ligada ao aparecimento da histeria. Essas impressões infantis deixam de permanecer à disposição da consciência e, desta forma, alguns traços mnêmicos ficaram mascarados através de uma ligação associativa as forças do recalcamento.

Para tanto Freud finaliza:

Creio, pois, que a amnésia infantil, que converte a infância de cada um numa espécie de época pré-histórica e oculta dele os primórdios de sua própria vida sexual, carrega a culpa por não se dar valor ao período infantil no desenvolvimento da vida sexual. Um observador isolado não pode preencher as lacunas assim geradas em nosso conhecimento. Já em 1896 frisei a significação da infância para a origem de certos fenômenos importantes que dependem da vida sexual, e desde então nunca deixei de trazer para primeiro plano o fator infantil na sexualidade (Freud, 1905/1996 p. 165).

1.4 CONSIDERAÇÕES DO CAPÍTULO

Neste primeiro capítulo, a investigação ocorreu no sentido de criar um inventário sobre o infantil primitivo, o qual é formado pelo primeiro momento da infância e carrega lembranças desta fase da vida. Essas, por sua vez, podem ser atravessadas por fantasias e lembranças encobridoras. Cobrem camada por camada o que não foi pensado durante essa fase. São conhecidos como traços mnêmicos e sofreram a ação do recalcamento como solução ao desprazer.

Diante dos elementos apresentados neste primeiro capítulo, emerge a necessidade de nos direcionarmos rumo ao texto de 1919, “*Das Unheimlich*”, em que Freud localiza a sensação de inquietante estranheza. Seguindo sua trilha da autoanálise, foi possível perceber a presença de lembranças encobridoras que, permeadas pela fantasia, principalmente aquela que ocorre na primeira infância, estão intimamente ligadas à sensação de inquietante estranheza que surge na cena analítica, na qual o paciente se depara com questões de sua sexualidade infantil que sofreram, de certo modo, a ação da repressão. Essa atuação, junto ao papel da sexualidade infantil, está localizada na base das doenças psiconeuróticas juntamente com traços mnêmicos, franjas e trilhas que se refugiam em uma área da memória, também permeada pela fantasia, e vem à tona, durante o processo psicanalítico, necessitando de um trabalho de construção por parte do psicanalista.

2 O ESTRANHO NO CAMINHO DA METAPSICOLOGIA

“Os próximos números do Journal irão conter um tipo de síntese psicológica de várias de minhas ideias sobre três temas: o instinto e suas vicissitudes, a repressão e o inconsciente — incompleto, como tudo o que faço, porém não sem algo de novo. O artigo sobre inconsciente em particular conterá uma nova definição do termo, que é de fato o equivalente a uma agnostização.”

(Carta de Freud a Andreas-Salomé, 1912-13, p. 38).⁹

O tema do estranho tem recebido destaque nos últimos anos com a publicação de novas traduções da obra freudiana. Vale destacar a tradução conduzida pela editora Autêntica – contida em uma coletânea lançada pela editora intitulada Obras Incompletas de Sigmund Freud (2019) –, na qual *“Das Unheimlich”* recebe a tradução por “O Infamiliar”. Os tradutores dessa publicação consideram “infamiliar” a melhor palavra em língua portuguesa, pois apresenta o aspecto de uma duplicação da negação (IANNINI; TAVARES, 2019). Algo que já se conhece, não é reconhecido e é negado ou apresenta um caráter angustiante a assustador.

Iannini e Tavares consideram que o *“Das Unheimlich”* é uma palavra que apresenta um conceito. Também é o nome de um texto de Freud e configura um sentimento aterrorizante. O que nos coloca frente à vastidão dessa palavra-conceito, que adquire um “estatuto conceitual” (2019, p.7) com grande representação na teoria freudiana. Segundo os autores o *“Das Unheimlich”* pode se configurar como um termo intraduzível sendo que “nenhum vocabulário freudiano apresenta tantas variações e tantas soluções diferentes” (p.8).

Como nosso interesse no segundo capítulo desta dissertação se volta para o estatuto do conceito e sua significação para clínica psicanalítica, que serve de suporte ao trabalho do psicanalista, optamos por trabalhar com o termo “estranho”, tal como proposto na Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, publicada pela Imago Editora, conhecido no meio psicanalítico e universitário.

Os artigos sobre a Metapsicologia são compostos por cinco textos interligados, planejados originalmente por Freud como componentes de um livro sob o título *Zur Vorbereitung einer Metapsychologie* (Preliminares a uma Metapsicologia). Freud tinha

⁹ Publicado em Correspondance avec Sigmund Freud (1912-1913).

a intenção de oportunizar um fundamento teórico estável à Psicanálise. Nas observações de Quinodoz (2004) é fato relevante que o autor, na época da produção destes textos, encontrava-se no auge de sua produção intelectual.

Freud inicia a redação dos textos metapsicológicos quando estava prestes a completar 60 anos, acreditando que lhe restavam poucos anos de vida (Quinodoz, 2004). Suas preocupações em relação à morte foram reforçadas pela primeira grande guerra e as desgraças por ela provocadas. Eram, no total, doze artigos, mas somente cinco foram publicados por ele, em duas etapas. Havia redigido sete artigos restantes, mas desistiu de publicá-los, segundo sua correspondência analisada por Quinodoz em seu livro “Ler Freud – Guia de leitura da obra de S. Freud” (2004).

O que é a Metapsicologia? Um termo criado por Freud para designar uma teoria do funcionamento psíquico (QUINODOZ, 2004). Como base, Freud toma toda sua experiência psicanalítica nos últimos anos de trabalho, em que a Metapsicologia está para a observação dos processos psicológicos, assim como a metafísica está para a observação dos fenômenos do mundo físico.

2.1 O QUE PROPÕE FREUD SOBRE O TERMO “*DAS UNHEIMLICH*” (O ESTRANHO)

O artigo “*Das Unheimlich*” é publicado por Freud em 1919. Consta na nota do editor inglês do texto, que foi traduzido por Alix Strachey, uma menção sobre o artigo em uma carta de Freud a Ferenczi na data 12 de maio do mesmo ano, na qual escreve que desenterrou o velho texto de uma gaveta e o está reescrevendo: “comecei a pequena coisa sobre o ‘estranho’ novamente” (FREUD, 1919/1996, p. 355).

Em 1913, em “Totem e Tabu” o tema já aparece. Segundo a nota do tradutor, não é possível afirmar desde quando esse tema estava presente na mente de Freud. O tradutor adverte ainda, que o texto contempla dificuldades de tradução, mas que o leitor não deve se desencorajar por esse obstáculo preliminar, vez que o artigo se encontra repleto de material importante e interessante, que vai muito além de simples tópicos linguísticos.

O estranho se relaciona com o que é assustador. Assim, Freud (1919/1996) denomina o termo no segundo parágrafo do texto, acrescentando que há uma conexão com algo que provoca horror e medo. Na nota de rodapé da página inicial do texto, é encontrada uma justificativa para a utilização de “estranho” como tradução do inglês

Uncanny – termo utilizado pela tradutora do texto do alemão para o inglês –, pois “estranho” é o único capaz de combinar algumas representações sugeridas pelo termo em português, como: fantástico, misterioso, sinistro.

O termo *Unheimlich* é trabalhado por Luiz Alberto Hanns em seu Dicionário comentado do alemão de Freud. Hans (1996) acrescenta que este termo remete a uma sensação de inquietação mais prolongada, a qual coloca a pessoa em estado de prontidão, apontando uma semelhança ao estado de medo (*Angust*). Acrescenta que *das Unheimlich* se apresenta como um prenúncio inquietante da proximidade e iminência da aparição do recalcado, que pode surgir mesclado a medos ancestrais (HANNS, 1996). Desta forma se apresenta ainda mais assustador e inquietante.

Vale ressaltar, que para Hanns (1996), Freud ocupa-se no artigo "O Estranho", de forma detalhada do termo *das Unheimliche*. Compõe o texto com exemplos trazidos de dicionários, fraseologia e de coloquiais conotações e ressalta que o foco do artigo vem a ser uma investigação da sensação psíquica de inquietude perante "o sinistro".

A articulação de dois caminhos para a investigação é indicada por Freud na direção da análise do “estranho”. Conforme aponta Hanns (1996), esses dois caminhos se dividem: o primeiro, consiste na busca pela investigação de significados atribuídos à palavra estranho e como ele ocorre na história; e o segundo aponta para a reunião do que desperta, em nós, o sentimento de estranheza. São levadas em consideração as impressões sensoriais e experiências, que provocam a estranheza. Um lugar no fim desse caminho é apresentado por Freud: o estranho se encontra na categoria do assustador que remete ao conhecido em nós, ao primitivo e ao familiar.

O texto de Ernest Jentsh (1906), *On the Psychology of the Uncanny*, é citado por Freud, como uma tentativa na literatura médico-psicológica de se ocupar da descrição de coisas que pertencem ao campo do amedrontador, contrariando as preferências por ensaios que versem sobre a estética, em que o interesse se direciona mais para descrição de coisas belas, atraentes e sublimes.

Seguindo no texto, encontramos uma descrição sumária do conto *Der Sandmann*, “O Homem de areia”, de 1815 do escritor alemão E.T. A. Hoffmann. Freud (1919/1996) o toma como exemplo para ilustração de eventos e situações que podem despertar em nós um sentimento de estranheza.

O autor resgata do conto a questão do medo da perda dos olhos. Complementa que por meio da experiência psicanalítica, o temor de perder os olhos é um dos mais “terríveis temores das crianças” (FREUD, 1919/1996, p. 246), sendo também

conservado em muitos adultos. O ferimento dos olhos é mais temível que qualquer outro dano físico. Ainda, segundo Freud, o medo de ficar cego é muitas vezes uma substituição do temor de ser castrado, encontrada a questão no mito de Édipo, como um auto-cegamento mítico. O complexo de castração, como é percebido pela análise de pacientes neuróticos (FREUD, 1919/1996), se insere com enorme importância na vida mental dos neuróticos.

Como Freud (1919/1996) cita, essa ansiedade em relação aos olhos é apresentada por Hofmann com uma íntima relação com a morte do pai, no conto “O homem de areia”. O homem de areia aparece, ainda, como um perturbador do amor, separando a personagem Nataniel de seu amor e destruindo seu segundo objeto de amor, levando-o ao suicídio. Em uma substituição do homem de areia pela figura do pai temido¹⁰, de cujas mãos se espera a castração.

Dito isto, é possível que tomemos “um fator infantil como este responsável por sentimentos de estranheza, como encorajados a verificar se podemos aplicá-la a outros exemplos do estranho” (FREUD, 1919/1996, p. 248). Nesse sentido é a presença da boneca, que se apresenta como objeto inanimado que permite certa dúvida sobre ter ou não vida, e na qual é possível encontrar uma íntima relação com a vida infantil. Lembrando que as crianças têm um peculiar vínculo com suas bonecas e gostam de tratá-las como pessoas vivas (FREUD, 1919/1996), mesmo que isso se apresente de certa forma contraditório, pois as crianças não parecem ter medo de que suas bonecas ganhem vida. Muito pelo contrário, é típico que as crianças desejem que suas bonecas ganhem vida.

O fator da repetição involuntária também é apresentado por Freud como responsável pela evocação de “sensação de desamparo experimentada em alguns estados oníricos” (FREUD, 1919/1996, p. 252), os quais são fonte de uma estranha sensação. Situações do cotidiano vivenciadas de forma repetida e coincidências também são fatores que podem desencadear a estranheza, uma atmosfera que impõe algo do desamparo e do inescapável.

É possível que sigamos Freud na substituição dos personagens do conto de Hofmann e, em troca do homem de idade, coloquemos a figura paterna do paciente de

¹⁰ Segundo longa nota de rodapé, é encontrada uma dissociação de Natanael em que o pai se apresenta dividido em uma figura boa e uma má, que representam dois opostos na presença da ambivalência. Um que quer castrá-lo e outro que intercede pela visão boa (oculista). Aparece também o desejo de morte do pai mau.

Freud, despertando esse sentimento de estranheza proveniente do medo da castração ou culpabilização.

Como Freud (1919/1996) pontuou, não “apenas ele, mas todos os neuróticos obsessivos que observei, conseguiram relatar experiências análogas” (p. 255), como, por exemplo, encontros com pessoas em quem acabaram de pensar. Essas experiências, para esses pacientes, acabam por adquirir status de “pressentimentos”, que geralmente se tornam realidade. O medo de mau olhado também é descrito por Freud (1919/1996) como uma das formas mais difundidas e estranhas de superstição. Esse medo eleva a inveja em sua intensidade e se converte em ação efetiva.

Esses últimos exemplos do estranho descritos por Freud (1919/1996) podem ser compreendidos como os denominados de “onipotência de pensamento”, expressão essa utilizada por um de seus pacientes, O homem dos ratos (1909/1996). Esses pensamentos, baseados na crença da onipotência ou poderes mágicos, estão presentes em um estágio do desenvolvimento narcísico, em que traços residuais do estágio animista dos homens primitivos são capazes de se manifestar e nos surpreender como “estranho”¹¹.

Iniciando a terceira parte do artigo, Freud (1919/1996) resgata a ideia que o estranho *Unheimlich* consista em algo que é secretamente familiar, *heimlich-heimlich*. Esse algo secreto, foi submetido à repressão e retorna em um segundo momento. Sabendo que nem tudo que é material que evoca desejos reprimidos ou que pertence de certo modo à pré-história do indivíduo da humanidade é percebido como uma inquietante estranheza.

Assim como as histórias presentes em contos fantásticos e contos de fadas trazem em si algo de estranho, pois muitas vezes adotam pontos de vistas animistas de onipotência ou pensamentos mágicos e realizações de desejos,.

Existem, além dos elementos já pontuados até aqui, outros que despertam estranheza de sensações no domínio da ficção e da literatura imaginativa. Para a psicanálise, o que interessa são elementos que causem a experiência do estranhamento, aquilo que é experimentado como estranho, o que pode ser atribuído, sem exceção (FREUD, 1919/1996), a algo familiar que foi reprimido.

Se retomarmos como exemplo o estranho ligado aos pensamentos onipotentes, a realização de desejos e maléficos poderes secretos ou o retorno dos mortos, a sensação

¹¹ Esse tema é abordado por Freud em seu ensaio III Animismo, magia e onipotência de pensamentos no livro Totem e Tabu de 1912-1913.

que origina a estranheza é inequívoca (FREUD, 1919/1996). Estas já estiveram presentes em nós, através de nossos primitivos antepassados, que acreditavam que essas possibilidades eram reais. Hoje superamos esse aspecto, pois não mais acreditamos nelas, “superamos esses modos de pensamentos” (FREUD, 1919/1996, p. 262), mas, por outro lado, ainda não nos sentimos seguros, vez que ainda habitam dentro de nós e estão prontas para se apoderarem de alguma confirmação que apareça. Tão logo algo acontece que revive o contato com nossas velhas crenças, a sensação do estranho se expõe. Isso somente se resolve quando apresentamos essas sensações a um simples teste de realidade material.

Agora, o que nos interessa é o estranho que provém de complexos infantis reprimidos, do complexo de castração, das fantasias de estar vivo no útero, etc. A situação é apresentada de forma totalmente diferente, pois a questão da realidade material não surge nesses casos. O que distingue a segunda experiência da primeira é o que nos é teoricamente importante neste momento, vez que a realidade material não surge, e em seu lugar há a emergência da realidade psíquica (FREUD, 1919/1996).

Algun conteúdo do pensamento, outrora reprimido, retorna e uma experiência estranha ocorre quando os complexos infantis que haviam sido reprimidos revivem uma vez mais por meio de alguma impressão, ou quando as crenças primitivas que foram superadas parecem outra vez confirmar-se. Finalmente, não devemos deixar que nossa predileção por soluções planas e exposição lúcida nos cegue diante do fato de que essas duas categorias de experiência estranha nem sempre são nitidamente distinguíveis. Quando consideramos que as crenças primitivas se relacionam da forma mais íntima com os complexos infantis e, na verdade, baseiam-se neles, não nos surpreenderemos muito ao descobrir que a distinção é muitas vezes nebulosa (FREUD, 1919/1996, p. 264).

Reconhecemos, então, que a categoria do estranho que é oriunda de complexos reprimidos (FREUD, 1919/1996) é a que apresenta mais resistência ao longo de um processo analítico. Na sessão V dos “Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade”, de Freud (1905/1996), já foram pontuadas questões do ponto de vista psicanalítico que dizem respeito ao silêncio, à solidão e à escuridão, fatores que participam na formação da ansiedade infantil e elementos que a grande maioria dos seres humanos não teve como superar.

O estranho, apresentado como conteúdo infantil, se conecta com as lembranças encobridoras, tema abordado por Freud em seus textos pré-psicanalíticos. As questões levantadas no escrito de 1899 são retomadas pelo autor para a construção de seus textos metapsicanalíticos.

2.2 INSTINTO: ESSE ESTRANHO (DES)CONHECIDO

O primeiro dos artigos de Freud sobre a Metapsicologia, no original alemão *Trieb und Triebschicksale* (1915b/1996), foi traduzido para o inglês recebendo o título de *Instincts and their Vicissitudes* e para o português como “Os Instintos e suas Vicissitudes”.

No início do texto de 1915, “Os instintos e suas Vicissitudes”, Freud aponta que um conceito básico convencional ainda obscuro, mas indispensável para a psicologia, é o de “instinto”, *Trieb*¹² no alemão. Segundo Hans, em seu Dicionário Comentado do Alemão de Freud (1996), o termo *trieb* é antigo na língua alemã. Seu núcleo se localiza muito próximo com os seguintes sentidos: “algo que ‘propulsiona’, ‘agulha’, ‘toca para a frente’, ‘não deixa parar’, ‘empurra’, ‘coloca em movimento’. *Trieb* evoca a ideia de ‘força poderosa e irresistível que impele’” (HANS, 1996, p. 339).

Freud (1919/1996) parte da correlação entre estímulos e instinto, na qual “um estímulo instintual não surge do exterior, mas do interior do próprio organismo” (p.124). Assim, o *Trieb* abordado aqui não parte do exterior como um estímulo externo, mas sim do interior. Destacamos que interior do organismo não designa interior ao aparelho psíquico. A fonte do instinto, embora interna ao organismo, é externa ao aparelho psíquico. Não há como fugir dele, pois atua como que se despertasse algo que já está contido dentro do psiquismo e age diferentemente sobre a mente. Uma força constante e não momentânea, sempre em movimento, que solicita uma ação específica para que haja sua remoção. Entramos aqui na área da necessidade e nos sinais de um mundo interno, que se configurará como aquilo que foi possível subjetivar do estímulo interno. O que elimina uma necessidade? Para Freud (1919/1996), é uma ação que leva à satisfação. Uma das formas para que se possa alcançar a satisfação é a alteração, de forma conveniente, “da fonte interna de estimulação” (p.124).

Esses poderosos estímulos instintuais, que se originam dentro do organismo, acabam por solicitar uma exigência muito maior, que leva à execução de atividades complexas, aquelas que propiciam a modificação na forma com que se oportuniza uma satisfação, que atende a fonte interna de estimulação.

¹² A tradução de *Trieb* é uma das mais polêmicas, devido à extensa gama de significados e conotações do termo em alemão, bem como devido a peculiaridades no emprego freudiano do termo. Tanto na linguagem popular como em outros campos (inclusive na psicologia e na psicanálise), empregam-se as palavras *Instinkt* (instinto) ou *Drang* (espécie de pressão desagradável interna) como sinônimos de *Trieb*. O próprio Freud utiliza os três termos (HANS, 1996). Optamos por utilizar o termo instinto.

Freud (1919/1996) adiciona uma questão: “que instintos devemos supor e quantos?” Essa questão, como o autor mesmo propõe, dá margem para questões arbitrárias. O que cabe a nós aqui é se esses conteúdos instintuais tão especializados não deveriam ser retroativamente decompostos, direcionados no sentido das fontes instintuais, com a finalidade de chegar aos instintos primordiais, originais, não mais divisíveis, e sim com uma efetividade considerável. Instintos primordiais que podem ser distinguidos em dois grupos: os instintos do ego, ou autopreservativos, e os instintos sexuais.¹³

Para Freud (1919/1996), o conflito entre as exigências do ego e da sexualidade é revelado em todas as afecções neuróticas, também descritas como “neuroses de transferência”.¹⁴

A vicissitude da reversão afeta apenas a finalidade dos instintos. A finalidade ativa é substituída pela finalidade passiva, tendo em sua essência do processo a finalidade inalterada, muda apenas o objeto. Como exemplos de retorno do instinto ao próprio eu (*self*), Freud destaca as situações do sadismo-masochismo e escopofilia-exibicionismo. Estes dois são os instintos sexuais mais conhecidos e se apresentam de maneira ambivalente.¹⁵

Cabe destacar que a reversão, como nos dois exemplos sugeridos por Freud (1919/1996), toca algo de estranho no retorno em direção ao próprio eu e desperta seu oposto. Como propõe Freud, o instinto escopofílico é autoerótico “ele possui na realidade um objeto, mas esse objeto é parte do próprio corpo do sujeito” (p. 135).

Freud utiliza a questão do amor e do ódio, como um exemplo isolado da reversão de conteúdo. É comum a transformação de amor em ódio, dirigidos simultaneamente a um mesmo objeto. Aqui é possível encontrar um exemplo mais claro de ambivalência: na história das relações o amor é acompanhado de impulsos de ódio direcionados ao mesmo objeto (FREUD, 1919/1996).

Ao final do texto, Freud apresenta três grandes polaridades que dominam a vida mental: a biológica (atividade-passividade), a do ego-mundo externo como a real e finalmente a polaridade econômica composta pela díade prazer-desprazer.

2.3 A VICISSITUDE INSTINTUAL DA REPRESSÃO

¹³ Haverá um novo dualismo pulsional a partir de 1920.

¹⁴ Neuroses de transferências pontuadas no texto por Freud como as histerias e as neuroses obsessivas.

¹⁵ Ambivalência, considerado por Freud o termo adequado para esses processos, introduzido por Bleuler.

Em seu texto de 1914, “A História do Movimento Psicanalítico”, Freud declara que “a teoria da repressão é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da Psicanálise” (1914/1996, p. 26). O ensaio, intitulado em alemão *Die Verdringung*, recebe a tradução para “repressão”, e é nas obras completas Edição Standard no Brasil que Freud nos oferece uma formulação sobre sua teoria.

No início do texto, Freud (1915/1996) apresenta que “uma das vicissitudes que um impulso instintual pode sofrer é encontrar resistências que procuram torná-lo inoperante” (p. 151). A fuga seria o método apropriado quando o estímulo funcionava de modo externo. Aqui, a fuga perde seu sentido, pois não há possibilidade de escape do ego de si próprio. Qual o motivo de um impulso instintual sofrer essa vicissitude? Esta é uma pergunta inserida no texto por Freud, pois a satisfação de um instinto é sempre agradável. Porém, ao trabalharmos com a suposição de que certas circunstâncias peculiares, temos o processo de satisfação e prazer transformado em desprazer.

A proposta é que nos mantenhamos na experiência clínica da prática psicanalítica. Um instinto que se acha sob repressão pode de alguma forma encontrar sua satisfação. Acrescentamos uma variável ao processo: algo que seja “irreconciliável com outras reivindicações e intenções” (FREUD, 1915/1996, p. 152). Nessa situação, temos a ocorrência de prazer em um lugar e de desprazer em outro. Esse processo leva à atuação de uma força motora com mais vigor sobre a possibilidade do desprazer do que a da satisfação instintual. A repressão é fundamentada na função de afastar e manter à distância do consciente determinada questão, a qual nos faz recorrer à diferenciação do que é consciente e o que é inconsciente. Seguindo a linha de pensamento de Freud em seu texto, cabe aqui destacar questões observadas na clínica psicanalítica, como as por ele propostas. A questão do inconsciente será desenvolvida em um segundo momento no subcapítulo “O inconsciente”, onde o estranho tem sua morada. Inconsciente tomado aqui como o proposto por Freud na primeira tópica.

Através da observação na clínica psicanalítica, nos é possível supor a existência de uma repressão primeva, uma fase inicial da repressão que “consiste em negar entrada no consciente ao representante psíquico (ideacional) do instinto” (FREUD, 1919/1996, p. 153). Com o estabelecimento de uma fixação, o que é representante não sofre alteração, tendo o instinto permanecido ligado a ele.

Em um segundo momento do processo de repressão, ocorre a repressão propriamente dita, que afeta os resultantes mentais do representante que foi reprimido, ou associações e pensamentos que se encontram ligados originalmente em uma

associação com ele. Devido a essa associação, sofrem o mesmo destino do que foi primeiramente reprimido. Freud destaca aqui a importância da atração, que é exercida pelo que foi primeiramente reprimido, pois é incorreto que a ênfase recaia somente sobre a repulsão que atua sobre o que deve ser reprimido, vindo do consciente. Repulsão e atração exercem uma força para que não haja falha em seu objetivo. São duas forças que cooperam entre si.

Todo esse trabalho não impede que o representante instintual se mantenha vivo no inconsciente e, uma vez nele, organize-se e possa dar origem a representantes consequentes, derivados destes e estabeleça ligações. Esse material vivo pode se desenvolver com uma interferência menor no inconsciente, onde encontra terreno fértil “ele prolifera no escuro, por assim dizer, e assume formas extremas de expressão, que uma vez traduzidas e apresentadas ao neurótico irão não só lhe parecer estranhas, mas também assustá-lo, mostrando-lhe o quadro de uma extraordinária e perigosa força do instinto” (FREUD, 1919/1996, p. 154).

No que tange ao aspecto oposto da repressão, não é correto considerar que são retirados do consciente todos os resultantes do que foi previamente reprimido. Encontram-se afastados de seu representante, mas acessíveis, através de derivados do que foi reprimido. Esses derivados podem ser produzidos pelo paciente, mediante a técnica da Psicanálise. Uma vicissitude particular se apresenta em cada caso, não é possível formularmos uma regra geral e apresenta, ainda, uma mobilidade, não acontece somente uma vez, tendo como exigência um gasto costumaz de força. Tudo isso para que evite o retorno do que sofreu repressão. O reprimido exerce uma pressão contínua sobre o consciente, solicita uma manutenção de forças.

As associações solicitadas ao paciente, mediante a técnica da Psicanálise, são material para a produção de uma tradução consciente do representante reprimido. Distorcidos e derivados. No desenvolvimento do processo analítico, é observado o movimento de associar que o paciente realiza, por meio do qual é levado ao encontro de um pensamento que encontra uma óbvia relação com o reprimido. Surge, então, uma nova tentativa de repressão. Da mesma forma, os sintomas neuróticos, que são derivados do que foi reprimido, satisfazem essa mesma condição. Sintomas esses. Todo esse material encontra então acesso à consciência, um acesso anteriormente negado.

2.4 INCONSCIENTE: ONDE O ESTRANHO TEM SUA MORADA JUNTO AS LEMBRANÇAS INFANTIS

Desde o início de sua pesquisa psicanalítica, é notável o interesse de Freud pela questão do Inconsciente (OLIVIERA, 2005). É em uma nota de rodapé referente à anamnese do tratamento de Frau Emmy Von N. que é encontrado pela primeira vez o termo Inconsciente. Mas é no capítulo VII de “A Interpretação do Sonhos” (1900/1996) que o Inconsciente é revelado: seu funcionamento, como se distingue de outras áreas da mente e como se relaciona com elas. Parte das formulações conceituais escritas em 1900 são apresentadas no texto de 1915.

Em 1912, Freud escreve o artigo “Uma Nota Sobre o Inconsciente na Psicanálise”. Esse artigo, escrito em inglês, é resultado de um convite feito a ele para compor o especial das Atas da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres. Neste texto, segundo notas do editor inglês (OLIVEIRA, 2005), o autor nos fornece uma organização de sua hipótese sobre os processos mentais inconscientes.

Qualquer elemento mental (psíquico)¹⁶ que possa estar na consciência, pode se tornar ausente em um momento seguinte e tornar-se presente ainda em um momento posterior. Neste escrito, Freud (1912/1996) se refere ao que está presente em nossa mente como “consciente”, presença essa da qual nos damos conta. Quanto ao que se apresenta latente, pode receber a denominação de “inconsciente”: “assim uma concepção de inconsciente é uma concepção da qual não estamos cientes, mas cuja existência, não obstante, estamos prontos a admitir, devido a outras provas e sinais” (FREUD, 1912/1996, p. 277).

Em uma descrição do experimento da “sugestão pós-hipnótica”, Freud destaca a importância da distinção entre consciente e inconsciente. Neste experimento, após uma pessoa ser levada ao estado hipnótico, foi possível observar que a ordem dada pelo médico durante o estado hipnótico permaneceu presente após o despertar. Não há a emergência da totalidade da experiência, como a influência do médico e sua ordem. O que emergiu foi somente o ato a ser executado, o restante permaneceu inconsciente. Esta experiência permitiu a Freud “diferenciar uma abordagem dinâmica do inconsciente, que reconhece a existência do pensamento mantido longe do consciente, apesar de sua intensidade e de sua atividade” (PRADO DE OLIVEIRA, 2005, p. 114).

Através da análise dos fenômenos neuróticos, foi possível a Freud observar que uma representação que se encontra latente não se apresenta como fraca. Cabe aqui uma distinção entre as ideias latentes e inconscientes: em um primeiro momento, observava-

¹⁶ Na versão inglesa de 1925 deste artigo, psíquico foi alterado para metal.

se que toda representação fraca que se tornou forte deixava de ser latente. Mas existem as que ficaram latentes, que mesmo tornando-se fortes, não penetram na consciência. Podem ser classificadas como representações do tipo pré-consciente. Portanto, o termo inconsciente não denomina mais as representações latentes em geral, mas é reservado para denominar “ideias com certo caráter dinâmico, ideias que se mantêm a parte da consciência, apesar de sua intensidade e atividade” (FREUD, 1912/1996, p. 279).

O artigo “*Das Unbewusste*”, “O Inconsciente”, de 1915, levou menos de três semanas para ser escrito por Freud e pode ser considerado como o artigo mais importante da série “Artigos sobre Metapsicologia”. Não é possível compreender a teoria psicanalítica sem o fundamento da existência de processos mentais inconscientes. Freud parte de um interesse prático e não filosófico para a descrição do Inconsciente. Observa que o processo de repressão não se resume em uma supressão da representação de um instinto (QUINODOZ, 2004), mas consiste no impedimento de que ela se torne consciente. Desta forma, produz um efeito contínuo atingindo a consciência.

Partindo de uma proposição inicial de que a consciência apresenta um número muito grande de lacunas (FREUD, 1915a/1996, p. 172), Freud inicia assim a primeira parte do texto “O Inconsciente” (1915a/1996), norteador pela experiência clínica, em que ideias sobrevêm a nossa mente, vindas de algum lugar desconhecido. Cita como exemplos de atos inconscientes as parapraxias e sonhos, em pessoas sadias, bem como as obsessões em pessoas doentes, atos que permanecem desligados e ininteligíveis, caso tomemos como referência que todos os atos mentais podem ser experimentados através da consciência – pois exigir que tudo o que se sucede na mente é conhecido da consciência é uma insustentável reivindicação.

A partir desta articulação, Freud (1915a/1996) afirma que as lembranças latentes estão localizadas em uma área intermediária entre o consciente e o mental. São considerados resíduos inquestionáveis de processo psíquicos.

Há uma disposição nas pessoas de localizar os atos mentais, nos quais não é possível uma ligação ao resto da vida mental, em um lugar externo. Uma atribuição de que pertencem a outra pessoa é notadamente comum. Em uma primeira questão, há uma diferença do que pertence a outra pessoa e algo que a pessoa desconhece sobre si mesma. Uma segunda questão se localiza nos processos mentais latentes, que dispõem de uma independência em mais elevado grau, e geram a proposição de que nada tem de ligação com o outro ou nada soubessem dele. Como terceira questão, apontada por Freud como a mais convincente: que são revelados através da investigação psicanalítica

processos latentes que possuem características peculiares que são estranhas às pessoas. Localizadas no terreno do incrível “que vão diretamente aos atributos da consciência que nos são familiares” (FREUD, 1915a/1996, p. 176).

Já no texto de 1899 “Lembranças Encobridoras”, Freud nos apresenta um caso para auxiliar na compreensão destes processos. É possível encontrar uma clara evidência da construção sobre uma memória infantil, aos moldes do método apresentado em “A Interpretação dos Sonhos”, publicado em 1900.

Freud vai construindo sobre a cena rememorada da infância, que muitas vezes é apresentada como fantasia. O elemento fantasia aparece aqui como uma possível projeção, em que o paciente de Freud apresenta “duas fantasias uma na outra e fez delas uma lembrança infantil” (FREUD, 1899/1996, p. 300). É comum o uso de tal mecanismo psíquico, quase similar a obras de ficção. No que tange à construção de uma memória permeada pela fantasia, não é possível obtermos uma garantia sobre os dados que são produzidos em nossa memória.

Recordação, permeada pela fantasia, em que o “valor reside no fato de representar na memória impressões e pensamentos de uma data posterior cujo conteúdo está ligado a ela por elos simbólicos ou semelhantes, pode perfeitamente ser chamada, de lembrança encobridora” (FREUD, 1899/1996, p. 301). Geralmente essa lembrança permeada pela fantasia, adquire um status de realização de desejo recalcado, algo que nunca aconteceu, mas foi introduzido nas lembranças infantis. É necessário que a fantasia encontre um ponto de contato, no qual o conteúdo que remanesce da fantasia pode vir a ser remodelado com a ajuda de legítimos pensamentos intermediários, relevante ao conteúdo da cena infantil. Pois como Freud acrescenta “é fácil para nossa engenhosidade construir pontes de ligação entre dois pontos quaisquer” (1899/1996, p. 303).

As lembranças encobridoras podem ser referidas como regressivas e progressivas, a depender de uma relação cronológica sobre o evento a ser encoberto e a o que é encoberto. Esses processos estão intimamente envolvidos na construção de nosso estoque de lembranças: “é como se um traço mnêmico da infância se retraduzisse numa forma plástica e visual em época posterior — na época do despertar da lembrança. Mas nenhuma reprodução da impressão original jamais penetrou na consciência do sujeito” (FREUD, 1899/1996, p. 306).

2.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO

O segundo caminho apontado por Freud em seu artigo *Das Unheimlich* foi seguido como uma orientação em torno do “estatuto conceitual” do tema do estranho e sua repercussão para a clínica psicanalítica. O caminho para a reunião do que desperta, em nós, o sentimento de estranheza, isto é, as impressões sensoriais e experiências, que provocam a estranheza, pois o estranho se encontra na categoria do assustador que remete ao conhecido em nós, ao primitivo e ao familiar.

O que nos interessou nessa questão foi verificar a existência de um material psíquico que se apresenta como uma sensação de inquietante estranheza à própria pessoa e que advém de complexos reprimidos, lembranças infantis permeadas pela fantasia. Complexos esses que são fortemente submetidos à repressão, pois pontuam desejos infantis e experiências que não puderam receber atenção no passado. São elementos derivados de experiências que a grande maioria dos seres humanos não teve como superada.

A compreensão da metapsicologia nos coloca a par do funcionamento psíquico utilizado nessa operação. Retomando as palavras de Freud: “a teoria da repressão é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da Psicanálise” (1914/1996, p. 26). Ao revisitarmos o texto “O Inconsciente” (1915a/1996), nos foi possível compreender onde se localizam e a forma como são armazenados o que Freud denominou de atos psíquicos, ou ideias que não receberam o estatuto de conscientes. Esse material sofre uma repressão e se faz necessário um trabalho de restauração de sua conexão original. Portanto, esse material encontra-se em um inconsciente reprimido que sofreu ação da repressão.

3 ARQUEOLOGIA DE UMA NEUROSE INFANTIL

“Na infância, as pessoas, os animais, os eventos surgem, são acolhidos e desaparecem, sem que nenhuma explicação seja oferecida ou requisitada”.

(Doris Lessing, 1987)

Ao seguir a trilha do pensamento freudiano, chegamos ao terceiro capítulo desta dissertação. O trabalho até aqui decorreu de inventariar um rico material que surge do conceito das lembranças encobridoras, memória e sexualidade infantil. O caminho percorreu o conceito *“Das Unheimlich”*, compreendido por nós como uma sensação de inquietante estranheza e a articulação com a metapsicologia freudiana proposta por Freud em seus artigos de 1917.

O que se pode fazer com esse material na clínica psicanalítica? A proposta de Freud passa a nortear a pesquisa neste capítulo e damos início à construção. Para esse trabalho, vamos recorrer inicialmente aos artigos sobre a técnica, redigidos entre os anos de 1904 e 1919.

Nunca foi intenção de Freud levar adiante um projeto de redigir uma obra inteiramente dedicada ao método psicanalítico (QUINODOZ, 2004). Desta forma, responderia a uma demanda solicitada por pessoas que não poderiam ir até Viena, para obtenção do conhecimento sobre a psicanálise com ele. É possível encontrar os elementos essenciais da técnica psicanalítica em seus curtos artigos conhecidos como *“Escritos sobre a técnica psicanalítica”*. São expostos por Freud as recomendações obtidas de uma vasta e longa experiência clínica e os fundamentos do método psicanalítico.

Para Quinodoz (2004), os fundamentos da técnica psicanalítica aqui apresentados por Freud são utilizados até hoje no trabalho dos psicanalistas. O autor assinala que *“a despeito das descobertas recentes provenientes das neurociências e da psicofarmacologia, é forçoso reconhecer que nenhuma descoberta inovadora veio substituir a psicanálise no campo da atividade que lhe é próprio”* (QUINODOZ, p. 125) e acrescenta que as inúmeras questões levantadas por ele, há mais de um século, ainda permanecem sem resposta até o momento atual.

No sentido das construções em análise, um caso clínico redigido por Freud, pode auxiliar na compreensão do tema. Para tanto, elegemos o artigo “História de uma neurose infantil” de 1918, em que Freud abre a questão do tema tratado em um de seus últimos textos “As construções em análise” (1937). Esse tema será abordado no quarto capítulo desta dissertação. O conceito de “*après coup*” confere ao caso uma verdadeira obra de construção. A visita ao caso de 1918 dá a direção rumo ao primitivo da infância e a influência das fantasias.

3.1 RECORDAÇÕES, REPETIÇÕES E ELABORAÇÕES: O PSICANALISTA A CAMINHO DAS CONSTRUÇÕES

Dentre os artigos sobre a técnica, “Recordar, repetir e elaborar”, redigido e publicado em 1914, apresenta-se fundamental para nosso estudo. Neste artigo há uma proposição de Freud de que alguns pacientes não possuem a capacidade de acessar lembranças e memórias do passado e colocá-las em palavras, ou seja, comunicá-las verbalmente, mas são apresentados na cena analítica, em forma agora atualizada, através de comportamentos e atos na relação com o psicanalista. Este artigo, segundo a nota do editor inglês, foi considerado por Freud como o melhor da série de seus escritos sobre a técnica.

A partir do abandono de hipnose, a tarefa proposta por Freud transformou-se na descoberta, a partir das associações livres realizadas pelo paciente, do que ele deixava de recordar. Para Freud “trata-se de preencher lacunas na memória” (1914, p. 163), de modo que as resistências, que sofreram a ação da repressão, conforme pontuamos no capítulo segundo da presente dissertação, são então superadas.

Quando o paciente em análise fala de coisas esquecidas, ele raramente deixa de acrescentar: “em verdade sempre o soube; apenas nunca pensei nisso” (FREUD, 1914 p.164). Desta forma:

O ‘esquecer’ torna-se ainda mais restrito quando avaliamos em seu verdadeiro valor as lembranças encobridoras que tão geralmente se acham presentes. Em certos casos, tive a impressão de que a conhecida amnésia infantil, que teoricamente nos é tão importante, é completamente contrabalançada pelas lembranças encobridoras. Não apenas algo, mas a totalidade do que é essencial na infância foi retido nessas lembranças. Trata-se simplesmente de saber como extrai-lo delas pela análise. Elas representam os anos esquecidos da infância tão adequadamente quanto o conteúdo manifesto de um sonho representa os pensamentos oníricos. O outro grupo de processos psíquicos — fantasias, processos de referência, impulsos emocionais, vinculações de pensamento — que, como atos puramente internos, não podem ser contrastados com impressões e experiências, deve,

em sua relação com o esquecer e o recordar, ser considerado separadamente. Nestes processos, acontece com extraordinária frequência ser ‘recordado’ algo que nunca poderia ter sido ‘esquecido’, porque nunca foi em ocasião alguma notada — nunca foi consciente (FREUD, 1914 p.164).

Freud (1914) acrescenta que, certo tipo de experiências, das quais a lembrança não pode ser recuperada, têm sua ocorrência em uma infância muito remota. Consequentemente, não puderam ser compreendidas na ocasião de sua manifestação, mas que “subsequentemente foram compreendidas e interpretadas” (p. 165). Podem ser acessadas através dos sonhos e, assim, não há uma invocação da ausência das lembranças por parte dos pacientes.

O autor aponta que se deterá adiante em seu artigo em uma coisa “nova e espantosa” (FREUD, 1914, p.165). Segundo nota de rodapé do editor inglês, essa referência está vinculada ao “homem dos lobos” e ao sonho por ele relatado quando em seus quatro anos de idade, caso que será nosso objeto de estudo no decorrer deste capítulo. Ainda segundo a nota, Freud acabara há pouco a análise deste paciente e estava empenhado em escrever a história clínica, o que ocorreu mais ou menos simultaneamente à escrita deste artigo, ainda que sua publicação se desse, quatro anos mais tarde em 1918.

Também na última parte da Conferência XXIII de suas “Conferências introdutórias” de 1916/1917, Freud faz um exame típico deste tipo especial de lembranças da infância:

Eu os avisei de que ainda tínhamos algo novo para aprender; trata-se realmente de algo surpreendente e desconcertante. Por meio da análise, conforme sabem, partindo dos sintomas chegamos ao conhecimento das experiências infantis, às quais a libido está fixada e das quais se formam os sintomas. Pois bem, a surpresa reside em que essas cenas da infância nem sempre são verdadeiras. Com efeito, não são verdadeiras na maioria dos casos, e, em alguns, são o posto direto da verdade histórica (FREUD, 1917/1996, p.269).

Para Freud há ainda algo mais desconcertante sobre tudo isso: “pode-se mostrar que se está diante de uma situação em que as experiências da infância construídas ou recordadas na análise são, às vezes, indiscutivelmente falsas e, às vezes, por igual, certamente corretas, e na maior parte do caso são situações compostas de verdade e de falsificação” (1917, p.269). O início do tratamento se caracterizará, então, por uma repetição da que ocorreu na infância. Uma recordação que se manifesta em um comportamento na relação com o psicanalista. Isso ocorre permeado pela resistência.

Desta forma, Freud relata que o paciente, ao ser solicitado para que associe livremente – a regra fundamental da psicanálise, em que se pede que nos diga tudo que vem a sua mente –, muito frequentemente diz que nada tem a falar. Nada lhe ocorre e fica em silêncio. Uma resistência em recordar se apresenta, “o paciente retira do arsenal do passado as armas com que se defendem contra o progresso do tratamento, armas que lhes temos que arrancar uma a uma” (FREUD, 1914 p. 169).

Portando, o psicanalista se vê frente a um acontecimento com uma força atualizada e não meramente um acontecimento do passado (FREUD, 1914). Em que “este estado de enfermidade é colocado, fragmento por fragmento, dentro do campo e alcance do tratamento e, enquanto o paciente o experimenta como algo real e contemporâneo, temos de fazer sobre ele nosso trabalho terapêutico, que consiste em grande parte, em remontá-lo ao passado” (FREUD, 1914, p. 169). Uma atitude do paciente frente às suas descobertas, em que uma coragem se apresenta, necessária para que haja um encontro e uma reconciliação com o material reprimido.

Para Freud, é o manejo da transferência que se mostrará o principal instrumento do psicanalista para sustentar a repetição atuada pelo paciente. Desta forma a “transferência cria um manejo intermediário entre a doença e ávida real, através da qual a transição de uma para a outra é efetuada” (1914, p.170). Deve-se dar um tempo ao paciente para que possa acolher e reconhecer sua resistência e elaborá-la, chegando a superá-la.

Segundo Sedat, a transferência neste momento adquire uma nova concepção para Freud, em que é ela própria um fragmento de repetição:

a transferência não é, pois, uma questão de sentimento, de um instintual estático em relação ao psicanalista, mas, proveniente do fundo dos tempos, ela exprime uma tentativa de reencontro com um passado enterrado, esquecido, reprimido, e isso sem que o paciente o saiba” (SEDAT, 2007, p.109).

A transferência, conceito fundamental do trabalho psicanalítico, não será abordada nesta dissertação. Porém o conceito de contratransferência merece uma revisita, enquanto vamos adentrando o tema das construções em análise, vez que o trabalho do psicanalista depende, também, de elementos contratransferências que funcionam como hábeis ferramentas.

São raríssimas as passagens nas quais encontramos alusão ao que Freud chamou de contratransferência. Em uma conferência proferida em forma de comunicação na abertura do 2º Congresso de Psicanálise que foi realizado em

Nuremberg em 30 e 31 de março de 1910, publicada mais tarde em 1924 sob o título de “As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica”, encontramos a seguinte referência proposta por ele:

tornamo-nos cientes da ‘contratransferência’, que, nele, surge como resultado da influência do paciente sobre os seus sentimentos inconscientes e estamos quase inclinados a insistir que ele reconhecerá a contratransferência, em si mesmo, e a sobrepujará. Agora que um considerável número de pessoas está praticando a psicanálise e, reciprocamente, trocando observações, notamos que nenhum psicanalista avança além do quanto permitem seus próprios complexos e resistências internas; e, em consequência, requeremos que ele deva iniciar sua atividade por uma autoanálise¹⁷ e levá-la, de modo contínuo, cada vez mais profundamente, enquanto esteja realizando suas observações sobre seus pacientes. Qualquer um que falhe em produzir resultados numa autoanálise desse tipo deve desistir, imediatamente, de qualquer ideia de tornar-se capaz de tratar pacientes pela análise (p.150).

Como descrevemos no primeiro capítulo desta dissertação, fomos buscar junto às cartas de Freud a Fliess durante 15 anos, no período de 1887 e 1904, as questões ligadas às fantasias. Foram resgatados fragmentos de cartas trocadas com outro amigo, Oscar Pfister, com o qual correspondeu-se entre os anos de 1909 e 1937. Essas cartas foram cuidadosamente selecionadas com o auxílio de Anna Freud e publicadas em um único volume.

Em uma carta datada de 22 de fevereiro de 1925, enviada por Freud desde Viena, há um combinado com seu amigo Pfister sobre o encaminhamento de um novo paciente. Para Freud, dependerá das impressões do encontro com o jovem encaminhado o aceite ou não do mesmo: “o principal é claro, será a impressão que o jovem causará em mim no nosso encontro” (FREUD; PFISTER, 1963, p. 127).

No ano seguinte, após Freud ter tomado o jovem em tratamento, relata em nova carta o andamento do caso:

por outro lado, é inegável que muitos elementos nele sejam realmente inquietantes (*Unheimlich*) [...] suas ideias e conexões de pensamento tem frequentemente algo de estranho, e seus sintomas poderiam ser chamados sem constrangimento de ideias delirantes [...] penso que deixarei de lado a pergunta médica pelo diagnóstico e trabalharei adiante no material vivo (carta 76, 14.9.1926, p. 138).

No caso do “Homem dos lobos”, que será revisitado na sequência desta dissertação, Freud acaba por escrever pouco sobre a transferência. Encontramos em uma

¹⁷ Segundo a nota do editor inglês, não havia um convencimento por parte de Freud sobre a possibilidade de autoanálises adequadas aos aspirantes a psicanalista. Em outro momento, mais a frente, insiste na necessidade de análises didáticas conduzidas por outro psicanalista.

carta a Ferenczi datada de 13 de novembro de 1910 observações sobre a violência da transferência negativa enfrentada no processo: “um rico jovem russo que recebi por causa de uma paixão amorosa compulsiva, confessou, após a primeira sessão, as seguintes transferências: ‘judeu escroque, ele adoraria me pegar por trás e cagar na minha cabeça’”.

Nosso caminho seguirá junto ao texto freudiano na direção do trabalho de construção que pode ser realizado pelo psicanalista e, para tanto, se fará necessária uma visita aos casos clínicos em que Freud se dedicou à construção a partir do material percebido, pelo paciente e também pelo psicanalista, como uma sensação de inquietante estranheza que surge na análise.

Ao retomars os casos clínicos apresentados por Freud, nos será possível conhecer o trabalho de construção presente em seus relatos. Segundo a introdução de James Strachey contida nas obras completas de Freud (1996), é possível encontrar dois ou três exemplos do trabalho das construções em seus relatos de casos clínico: “Rat Man” (1909) e “Wolf Man” (1918). Também tem um importante papel desempenhado no texto “A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher” (1920).

Para ilustração das lembranças encobridoras e do infantil que retorna na cena analítica, bem como do processo de construção, que será abordado na terceira parte deste capítulo, elegemos o artigo, “História de uma neurose infantil” de 1918, conhecido como o caso clínico do “homem dos lobos”.

3.2 UMA NEUROSE INFANTIL E O “*APRÉS COUP*”

A publicação desse artigo ocorreu no período em que Freud se dedicava ao seu artigo “*Das Unheimlich*” e aos seus artigos metapsicológicos e, portanto, apresenta vários elementos de interesse para essa dissertação. É um caso muito revisitado na literatura psicanalítica contemporânea. Dito isto, alguns comentadores serão nosso auxílio neste exame do caso.

A escolha por esse caso específico, “História de uma neurose infantil” de 1918, ocorre pois Freud se dedica a uma neurose construída e organizada na infância do jovem paciente de 23 anos, que se tornou conhecido na literatura psicanalítica como “O homem dos lobos”. Segundo Perelberg, o relato do caso “se concentra no entendimento da neurose infantil, que foi reconstruída e tratada 15 anos depois de seu término” (2005, p. 206). Para Green (2012) neste tratamento foi possível uma reconstrução da neurose

infantil reprimida. Quinodoz reforça que Freud localiza o relato do atendimento essencialmente na neurose infantil, pois seu intento era “demonstrar através desse caso que a neurose do adulto está fundada em uma neurose infantil, e que a sexualidade desempenha um papel determinante nisso” (2004, p.175).

O “homem dos lobos” era um jovem russo de 23 anos quando do início do tratamento com Freud. Seu nome era Sergei Constantinovitch Pankejeff e pertencia a uma aristocrática família russa. Inicia seu tratamento em janeiro de 1910, considerado um caso sem esperança, por psiquiatras da época. Freud iniciou de imediato sua análise o recebendo cinco vezes na semana pelo período de quatro anos e meio. O final da análise ocorreu em julho de 1914, prazo esse que foi fixado previamente por Freud.

Na página de introdução ao caso publicado na Edição Standart das obras completas de Sigmund Freud, é encontrada a nota do editor inglês, James Strachey, que sugere ser “esse o mais elaborado e sem dúvida o mais importante de todos os casos clínicos de Freud” (FREUD, 1918, p.13). Para Ernest Jones, biógrafo de Freud, esse caso também é reconhecido como notável em vários aspectos:

o caso clínico conhecido como o “Homem dos lobos” é certamente o melhor da série. Freud estava então no auge de sua capacidade, era um confiante senhor de seu método e a técnica que ele revela na interpretação e síntese do material incrivelmente complexo só pode conquistar a admiração de todos os leitores (1989, p. 277).

Conforme observamos no primeiro capítulo, neste caso Freud também (1918) se dedica questão da sexualidade infantil. Segundo James Strachey, essa publicação tem um significado primário para Freud, que ao descrever as questões ligadas à sexualidade infantil, encontra apoio em suas críticas a Adler e Jung, que haviam questionado a existência da mesma. Contexto também observado por Peter Gay (1988), outro biógrafo de Freud.

Green (2012) acrescenta que é possível comprovar na análise do “Homem dos lobos”, uma virada clínica e teórica que apresenta perspectivas inéditas. A sexualidade arcaica é resgatada e se tornara um tema de grande interesse, não somente pelas fixações pré-genitais, mas pela presença de defesas primitivas do Ego.

O artigo de Freud está dividido em nove partes. Observações introdutórias abrem seu texto, que é seguido pelo relato do ambiente familiar e da história do caso. Nessa observação, o autor apresenta uma condição que ocorreu quando o jovem tinha

então 18 anos e que abalou sua saúde: uma infecção que o deixou com uma incapacitação e dependência de outras pessoas (PERELBERG, 2005).

Na história pregressa do jovem paciente, sua primeira infância foi dominada por um distúrbio neurótico de grave natureza. Uma histeria de angústia¹⁸ (fobia de animal) se estabeleceu logo após completar quatro anos de idade. Ocorre uma transformação posterior em uma neurose obsessiva, que apresentava conteúdos religiosos, e se manteve atuante até seus 10 anos. Freud deixa claro que “apenas essa neurose infantil seria o objeto da minha comunicação” (1918, p.18).

O diagnóstico recebido por psiquiatras eminentes na época foi de ‘insanidade maníaco-depressiva’. Para Freud (1918), quem sofria desse mal claramente era o pai do paciente. Jamais conseguiu constatar, durante os anos de observação e tratamento, traços que caracterizassem esse diagnóstico.

Algumas recomendações são pontuadas por Freud no início do texto. A primeira é em relação a como o intuito da investigação se dá sobre uma neurose infantil, em um agora adulto. Afirma que durante o processo é possível encontrar distorções nas lembranças que possam levar a uma reelaboração. Se a análise fosse conduzida sobre a própria criança que apresenta sintomas neuróticos, pode até parecer mais admirável e crédula, mas, nesse caso, o psicanalista se vê frente à necessidade de emprestar pensamentos e palavras à criança. A segunda se dá no fator de conclusão de uma análise em um período curto de tempo, pois:

as análises que conduzem a uma conclusão favorável em pouco tempo, são de valor para autoestima do terapeuta e para substanciar a importância médica da psicanálise; mas permanecem em grande parte insignificantes no que diz respeito ao progresso científico. Nada de novo se aprende com elas. Na verdade, apenas são bem-sucedidas tão rapidamente, porque tudo o que era necessário para a sua realização já era conhecido (FREUD, 1918, p. 19).

É necessário que se dedique muito tempo às análises para que se obtenha acesso aos “estratos mais profundos e mais primitivos do desenvolvimento mental” (FREUD, 1918, p.19). Desta forma, é possível se obter soluções aos problemas que atuam nas formações posteriores. Outra recomendação é que o psicanalista que se engaja nesse trabalho precisa renunciar a uma ambição terapêutica.

18 Essa patologia sofrerá mudanças a partir da segunda teoria sobre a angústia construída por Freud a partir de 1926.

O papel da resistência é também resgatado por Freud nesta parte do texto, em que “a extensão da estrada pela qual a análise deve viajar com o paciente e a quantidade de material que deve ser dominado pelo caminho não tem importância em comparação com a resistência encontrada no decorrer do trabalho” (FREUD, 1918, p. 21). Desta forma, o papel da transferência se apresenta fundamental, pois ao surgimento da resistência, exige do psicanalista uma espera para que a relação esteja fortalecida em quesitos transferenciais. Isto posto, Freud relata em seu artigo somente sua experiência no processo com o jovem paciente, influenciado por sua expectativa em relação ao caso. Dito isto, acrescenta:

“de forma que nada mais me restou senão recordar a sábia sentença de que há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Qualquer um que pudesse conseguir eliminar ainda mais completamente as suas convicções preexistentes, descobriria, sem dúvida, ainda mais coisas como estas” (Freud, 1918 p.22).

A segunda e terceira partes do artigo seguem com uma apresentação do ambiente do paciente de uma história do caso, bem como a consequência da sedução ocorrida na infância. Freud (1918/1996) inicia fornecendo um histórico infantil. Os pais do paciente parecem ter tido uma vida matrimonial feliz. Em determinado momento as sombras da doença tiveram destaque nesta relação: a mãe sofre de dores abdominais e o pai de depressão, o levando ao afastamento de casa para tratamento.

Um detalhe nos chama atenção, a doença da mãe e sua fragilidade já eram percebidas pelo pequeno desde criança, porém a percepção da doença de seu pai ocorreu somente anos depois. Teve seus cuidados na primeira infância oferecidos por Nanya, uma velha camponesa sem instrução, que perdera um filho ainda criança. Essa nutria grande afeição pelo menino que atendia (PERELBERG, 2005). Viviam em uma granja próxima a uma cidade grande.

Não era filho único, tinha uma irmã aproximadamente dois anos mais velha. Criança essa “dotada, precocemente maliciosa, que iria desempenhar um papel importante” (FREUD, 1918/1996, p. 23), na vida do pequeno.

Uma ruptura ocorreu na infância, seus pais mudam para a cidade grande em que uma lembrança encobridora lhe ocorre por volta dos dois anos e meio: “viu-se a si próprio como a babá olhando a carruagem que se afastava com o pai, a mãe e a irmã e depois voltando serenamente para dentro de casa” (FREUD, 1918/1996, p. 24). Um ano mais tarde, ele e a irmã tiveram seus cuidados confiados a uma governanta inglesa.

Nesta parte do artigo é encontrada uma nova recomendação de Freud, que se conecta ao início deste capítulo. Ao fator de histórias ouvidas sobre a infância. Na nota de rodapé, acrescenta:

pode parecer tentador assumir o caminho fácil de preencher as lacunas da memória de um paciente interrogando os membros mais velhos da família; mas não posso recomendar com muita convicção essa técnica. Quaisquer histórias que possam ser contadas por parentes, em resposta a essa solicitação ou um questionário, estão à mercê de todas as apreensões críticas que possam entrar em jogo. Invariavelmente, a pessoa lamenta ter-se feito dependente de tal informação; ao mesmo tempo a confiança fica abalada e estabelece-se uma corte de apelação a respeito do fato. De qualquer maneira, tudo aquilo, que de algum modo, possa ser lembrado, aparecerá no posterior decurso da análise (FREUD, 1918/1996, p. 24).

Neste trecho do artigo, o autor preconiza que este é somente um esboço sobre a situação e que o trabalho terapêutico “dizia respeito a uma doença neurótica subsequente e recente, e só se poderiam esclarecer esses problemas anteriores quando o curso da análise deixasse o presente por algum tempo e nos forçasse a fazer um *détour* pelo período pré-histórico da infância” (FREUD, 1918/1996, p. 27).

O jovem fora uma criança tranquila em sua primeira infância, dizendo-se a época que ele deveria ter sido uma menina, dado ao seu comportamento amoroso. Porém, certa vez os pais encontraram o filho transtornado em seu retorno das férias. Nesse período em que ficou aos cuidados da governanta inglesa, o pequeno tornou-se violento e irritadiço, berrava e apresentava episódios de raiva. Essa governanta era dada à bebida e excentricidades, sendo tomados esses fatos pela mãe, que atribuiu essas alterações no comportamento ao tratamento recebido pela cuidadora. Porém, a perspicaz avó do pequeno percebeu que a questão estava situada no conflito entre a governanta inglesa e a babá Nanya, sendo essa última a escolhida pelo paciente.

O pequeno, a época da infância era constantemente atormentado pela irmã. É encontrada aqui a primeira alusão ao lobo em um livro de figuras apresentado pela irmã que se deleitava com o terror gerado ao menino. Nesta época, ele já se amedrontava com animais grandes e pequenos. Neste período ocorreram também manifestações de religiosidade e atos obsessivos ligados a ela. Seus primeiros anos foram ainda marcados por uma relação próxima e afetuosa com pai, conservada na memória. Mais tarde tornou-se uma relação insatisfatória, depois da manifestação da depressão o pai.

Para Freud (1918/1996), essas lembranças tinham ligação com outros fenômenos estranhos e patológicos, mas que o paciente não conseguia apresentar em uma sequência cronológica. Perelberg (2005) destaca que há alusão ao complexo de castração proposto por Freud em duas lembranças encobridoras. Em uma delas ao

caminhar atrás da governanta ela dizia ‘olhem para o meu rabinho’. Noutra cena o chapéu da inglesa voa em um passeio de carro, deixando as crianças felizes. Aqui encontramos uma experiência de construção realizada por Freud, conforme aponta a nota do tradutor e indica o texto de 1937, “Construções em análise”:

isso apontou para o complexo de castração e permitiria uma construção segundo a qual uma ameaça proferida por ela contra o menino fora amplamente responsável por originar a sua conduta anormal. Não há qualquer perigo em comunicar construções dessa natureza à pessoa que está sendo analisada; elas não prejudicam a análise, mesmo se são equivocadas; mas ao mesmo tempo, não são colocadas a não ser que haja alguma perspectiva de alcançar uma aproximação da verdade por meio delas (FREUD, 1918/1996, p. 29).

Com a continuidade do trabalho após essa suposição/ construção, Freud relata o aparecimento de alguns sonhos, que giravam em torno do mesmo material. Comportamentos agressivos contra sua irmã e a governanta, reprovações e castigos contemplavam o conteúdo destes sonhos. Com a leitura acurada destas reminiscências Freud assegura que são “questões de fantasias que o paciente havia elaborado sobre sua infância” (1918/1996, p. 29). Podem essas ter sido elaboradas em épocas posteriores, como na puberdade. Agora emergem outra vez de forma reconfigurada.

Aparecem lembranças relativas a uma experiência de sedução pela irmã, um estímulo a práticas sexuais. Essa certa vez sugeriu que ambos mostrassem seus traseiros. Noutro momento, a irmã pega em seu pênis e, enquanto brinca com ele, dizia que sua Nanya fazia isso o tempo todo com todas as pessoas. É possível localizar aqui a explicação para as fantasias encontradas anteriormente. Seu papel era de apagar as lembranças de “um evento que mais tarde pareceu ofensivo à autoestima masculina do paciente” (FREUD, 1918/1996, p. 30). Ocorreu essa no lugar da história verdadeira, de maneira invertida. Ele havia agido de maneira agressiva em relação a sua irmã. De acordo com sua fantasia, tentara despi-la e foi agressivo. Um primo mais tarde confirmou que o investimento sexual da irmã era verdadeiro e havia ocorrido também com ele na infância.

Essa irmã era extremamente inteligente e agia de uma maneira superior, fazendo com que o pequeno se sentisse inferior constantemente. Sempre adiantada, agia como um menino e teve um desenvolvimento intelectual e acadêmico brilhante. Na adolescência o relacionamento com o irmão melhorou. Freud (1918/1996) dá destaque à essa fase da relação entre os dois, pois o jovem agora cometido pelas intempestivas excitações da chegada da puberdade investiu sexualmente na irmã. Essa, o repeliu. Foi levado então a direcionar seus investimentos sexuais para uma jovem camponesa

serviçal da casa, com o mesmo nome da irmã. Essa situação foi um passo importante em sua escolha de objeto heterossexual. Suas relações posteriores se deram com criadas, em que “todos esses objetos de amor eram substitutos para a figura da irmã a quem tinha que renunciar, então não pode ser negado que uma intenção de rebaixar a irmã e por fim a sua superioridade intelectual” (FREUD, 1918/1996, p. 32). A irmã, anos mais tarde, por volta dos 20 anos, foi acometida por uma depressão. Suicidou-se com uma dose de veneno e morreu em uma viagem, longe de casa.

Após a morte da irmã, o paciente relata a Freud não ter sentido nem expressado reação alguma pela perda. Leva a Freud se questionar neste momento sobre o diagnóstico. Mais tarde, porém, fora observado uma manifestação substituta para o evento. Uma viagem do jovem até as imediações do local em que a irmã havia morrido, contemplando uma visita ao túmulo de um poeta precedido pelo derramamento de lágrimas amargas sobre a tumba. Após a investigação, há a lembrança de que o pai comparava os poemas de sua filha com os do poeta. Neste ponto, aparece outra lembrança encobridora que pode reparar um erro na história: o jovem acreditava que a irmã havia tirado a própria vida com um tiro e não com veneno. Foi a morte do poeta que ocorreu por um tiro em um duelo.

Freud calcula que a idade em que ocorreu a sedução pela irmã se deu por volta dos três anos e três meses de idade, a mesma época em que houve a alteração de comportamento no pequeno, e faz uma ligação com o momento do despertar da atividade sexual. Na construção de Freud (1996/1918) ouve uma recusa aos investimentos da irmã. Essa não o agradava como objeto sexual. Volta-se então para sua amada Nanya, de quem já havia recebido informações sobre atividade sexual de sua irmã. A babá o repreende e o pequeno sofre uma desilusão. Acrescenta que as crianças que se prestam a brincar com seus órgãos sexuais ficam com a ferida no lugar. A observação da irmã e da amiga, ambas urinando, serve de confirmação. Passou a se ocupar com pensamentos sobre a castração, mesmo não acreditando ainda nela. A vida sexual do pequeno adquire então um caráter sádico anal e “sua vida sexual, portanto, que estava começando a surgir sob a influência da zona genital, cedeu ante um obstáculo externo e foi, através dessa, lançada de volta a uma fase anterior da organização pré-genital” (FREUD, 1918/1996, p. 35). Iniciou pensamentos e fantasias de espancamento em que o sadismo se converteu em masoquismo em que, segundo Freud, “uma criança que se comporta de forma indócil está fazendo uma confissão e tentando provocar um castigo. Espera por uma surra como um meio de simultaneamente

pacificar seu sentimento de culpa e de satisfazer sua tendência sexual masoquista” (1918/1996, p.37).

De acordo com Perelberg (2005) Freud divide a infância em duas fases, Uma primeira de perversão e mau comportamento, dos três anos e três meses até completar quatro anos, e uma subsequente fase, em que os sinais e de neurose são prevaletentes. A divisão por essas fases se dá pela ocorrência de um sonho.

Freud narra o sonho na sessão IV do artigo:

sonhei que era noite e que eu estava deitado na cama. (Meu leito tem o pé da cama voltado para a janela: em frente da janela havia uma fileira de velhas nogueiras. Sei que era inverno quando tive o sonho, e de noite). De repente, a janela abriu-se sozinha e fiquei aterrorizado ao ver que alguns lobos brancos estavam sentados na grande nogueira em frente da janela. Havia seis ou sete deles. Os lobos eram muito brancos e pareciam-se mais com raposas ou cães pastores, pois tinham caudas grandes, como as raposas, e orelhas empinadas, como cães quando prestam atenção a algo. Com grande terror, evidentemente de ser comido pelos lobos, gritei e acordei. Minha babá correu até minha cama, para ver o que me havia acontecido. Levou muito tempo até que me convencesse de que fora apenas um sonho; tivera uma imagem tão clara e vívida da janela a abrir-se e dos lobos sentados na árvore. Por fim acalmei-me, senti-me como se houvesse escapado de algum perigo e voltei a dormir. A única ação no sonho foi a abertura da janela, pois os lobos estavam sentados muito quietos e sem fazer nenhum movimento sobre os ramos da árvore, à direita e à esquerda do tronco, e olhavam para mim. Era como se tivessem fixado toda a atenção sobre mim. - Acho que foi meu primeiro sonho de ansiedade. Tinha três, quatro, ou, no máximo, cinco anos de idade na ocasião. Desde então, até contar onze ou doze anos, sempre tive medo de ver algo terrível em meus sonhos (1918/1996, p. 39).

Acrescentado de um desenho da árvore com os lobos (fig.2):

Figura 2 – Árvore com os lobos



Fonte: FREUD, S. (1918). História de uma neurose infantil. In: FREUD, S. 1996, p. 40.

Ao seguir a associação livre deste sonho. Freud conecta as partes do sonho, em que sua análise revela um papel central no entendimento da neurose infantil (PRELBERG, 2005).

Seguimos Freud nas associações oferecidas por parte do paciente. Ele tinha um medo terrível, à época, da imagem do lobo em pé do livro do conto de fadas exibido pela irmã. A brancura lhe sugere a associação a um rebanho de ovelhas que acabara morrendo devido a uma epidemia na época do sonho. A árvore traz a recordação de uma história de um alfaiate que arrancou fora a cauda de um lobo. Mais tarde, em um encontro posterior com o lobo, acompanhado pela alcateia, o alfaiate se refugia em uma árvore. Então, os lobos começam a trepar uns nos outros, tendo o lobo aleijado na base da pirâmide. Mas o alfaiate consegue afugentá-los resgatando a extirpação da cauda do lobo da base. Para Freud (1918/1996) há uma alusão sem equívocos ao complexo de castração nessa história. Outra associação com a história dos Sete Cabritinhos se dá pelo número dos lobos. Somente seis são comidos e um consegue escapar. Para Perelberg (2005), Freud se questiona se o medo dos lobos nas histórias infantis não seria um medo infantil do pai.

Essa análise do sonho durou por vários anos, em que este era lembrado frequentemente. Somente nos últimos meses do processo psicanalítico é que houve a possibilidade de uma compreensão completa do sonho com um trabalho espontâneo do paciente. Dois elementos tiveram destaque ao paciente: a quietude e imobilidade dos lobos e a duradoura sensação de realidade deixada pelo sonho após acordar. Em relação à sensação de realidade, ela carrega um significado particular, segundo Freud, em que “isso certifica-nos que determinada parte do material latente do sonho reivindica, na memória do sonhador, possuir a qualidade de realidade, isto é, que o sonho relaciona-se com uma ocorrência que realmente teve lugar e não foi simplesmente imaginada” (1918/1996, p. 43). O senso de realidade é associado a algo que foi registrado e permanece desconhecido, como uma cena esquecida à época do sonho. Deste modo, se sucedeu a associação da abertura das janelas aos olhos que se abrem, bem como a imobilidade dos lobos que poderia indicar o inverso de uma ação violenta.

O texto se desenvolve lentamente, seguindo sempre as associações fornecidas pelo paciente e Freud o situa por volta de seu quarto aniversário. Nesse ponto, Perelberg (2005) sugere que ocorreu um pulo metodológico em que Freud formula sua construção do processo: “atingi agora o ponto em que devo abandonar o apoio que tive até aqui a partir do curso da análise. Receio que seja também o ponto no qual a credulidade do

leitor irá me abandonar”. E continua “o que entrou em atividade naquela noite, vindo do caos dos traços de memória inconscientes do sonhador foi o quadro de uma cópula entre os pais” ((FREUD, 1918/1996, p. 46). A data da observação foi estabelecida por Freud em ano e meio. Nessa época, o paciente sofria de malária e estava se recuperando no quarto dos pais. Ao acordar presenciou os pais em uma relação sexual *a tergo* (por trás), que se repetiu por três vezes. Nessa cena “podia ver os genitais da mãe, bem como o órgão do pai; e compreendeu o processo, assim como seu significado” (FREUD 1918/1996, p. 47). Na nota de rodapé há uma explicação: houve uma compreensão do que havia ocorrido na cena somente mais tarde, aos quatro anos de idade, e não na época da observação do ato; as impressões foram recebidas com um ano e meio, entretanto sua compreensão foi postergada. Para Freud, “tornou-se possível na época do sonho devido ao seu desenvolvimento, as suas excitações e pesquisas sexuais” (1918/1996, p.47). Para Chemama (1997) só nessa idade esta "cena primária" apresenta para ele toda a sua eficiência psíquica, decisiva em sua fantasia e em seu sintoma.

De acordo com Perelberg (2005), a nota de rodapé desta página é de fundamental importância para a psicanálise. Para a autora aqui é possível encontrar o relato completo da conceitualização de Freud de “*après-coup*”.¹⁹

Para a compreensão do tema, presente nas “Construções em análise” que virá posteriormente, é uma noção importante que vamos revisitar. O termo em alemão utilizado por Freud (1918/1996) é *Nachträglichkeit*. Para Hans (1993), essa palavra denota o significado de "efeito retardado" (uma manifestação que ocorre mais tarde) como no sentido de um retorno ao passado (um acréscimo *a posteriori*).

Hans acrescenta que o adjetivo *nachträglich* permite dupla leitura:

pode indicar que o sujeito continua a carregar (*tragen*) até hoje o evento, e que somente a posteriori o efeito se manifesta ("efeito retardado"): "Posteriormente o efeito do choque se fez sentir". Também pode significar que o sujeito volta ao passado ao encontro do evento (ou, o que é equivalente, que o sujeito traz do passado o evento para o presente) [...]Tais equivalências apontam para "voltar ao passado" ("buscar o antigo evento", "entrar no passado" etc.).

¹⁹ “*après-coup*”, traduzido na Edição *Standart* como “a posteriori”. Segundo Hans, em português “a posteriori” e “posteriormente” evocam a ideia de que o sujeito se distancia temporalmente do evento e agora, com a devida distância, reconsidera (rearranja mentalmente) o significado do evento. É como se, a partir de um posto de observação mais afastado do evento, o sujeito pudesse então avaliá-lo de forma diferente. O foco é sobre a distância temporal de visão/avaliação. Em alemão *nachträglich* enfoca a permanência de uma conexão entre o agora e o momento de então, mantendo ambos interligados. Pode-se “carregar para o passado uma nova visão” (o que leva a um retorno e a um acréscimo de algo que faltava), ou então pode se trazer (carregar) do passado para o presente o evento antigo e acrescentar-lhe algo, atualizando-o (HANS, 1993, p. 83).

E acrescenta a conotação de volta ao passado:

tanto o sentido de "efeito retardado" quanto à ideia de "volta ao passado" podem ser fruto de três processos diversos: podem desencadear-se como fruto de reflexão intensa e consciente; podem originar-se de algo que fermentou nas profundezas e aflorou subitamente; ou ainda podem ser efeito de um *insight* resultante de um estímulo externo. De qualquer forma, todos esses processos são resultados de um "trabalho elaborativo", pois após a vivência do evento o sujeito irá carregá-lo e maturá-lo no curso da vida. (HANS, 1993, p. 81).

Chemama elabora que o “*après-coup*” está fundamentado na dimensão de temporalidade e do índice de causalidade específica da vida psíquica. Consiste no fato de haver impressões ou traços de memória que não podem adquirir seu pleno significado e sua plena eficácia em seu primeiro registro. E acrescenta que “na maioria das vezes, uma cena vivida no início de uma forma bastante neutra pode ter valor de trauma quando, por exemplo, um segundo evento, experimentado após a puberdade, dar a esta primeira cena um novo significado, desencadeando uma afeição sexual desprazerosa” (1997, p.34).

Perelberg complementa que o conceito de “*après-coup*” é fundamental na obra de Freud juntamente com ideia da cena primordial — cena de intercurso sexual parental —, pois “é na mente de uma criança pequena percebido como um ato de violência em que o pai inflige dor a mãe. Além disso, ao observar essa cena, a criança confirma a realidade de castração da mãe. Ocorre uma fixação das nádegas como parte mais atrativa da mulher” (2005, p.210).

Na sequência, Freud (1996/1918) continua seu trabalho de construção da cena primária e elabora alguns conceitos fundamentais para a compreensão do funcionamento da neurose obsessiva. Porém, ainda permanece a falta de algum ponto de conexão que conduza como o conteúdo da cena primária ao da história do lobo. É necessário, então, descrever o efeito patogênico da cena primária no desenvolvimento sexual do paciente. Esse assunto da formação da neurose obsessiva não será tratado nesta dissertação, nossa investigação vai em direção às lembranças e fantasias infantis que surgem no processo da análise.

3.3 DO PRIMITIVO À FANTASIA – A CAMINHO DAS CONSTRUÇÕES

Uma frase se sobressai na sequência do texto freudiano: “devemos ter em mente que a ativação dessa cena (evitei intencionalmente a palavra ‘recordação’) teve o

mesmo efeito que teria uma experiência recente” (FREUD, 1918/1996, p. 52). Nesta situação, em que o paciente está em análise, pode-se agora colocar em palavras as impressões e impulsos sentidos à época da infância. Assim, se abre a possibilidade de compreender os processos mentais e o que ocorreu com na ocasião do evento. Para tanto Freud (1918/1996) abre a parte V do texto para elaborar o processo de lembrança *versus* o processo de construção no tratamento analítico. As recordações podem agora ser intercaladas com elementos imaginários (PERELBERG, 2005).

No início desta parte do artigo, Freud (1918/1996) apresenta importantes questões que surgem no trabalho da psicanálise. Faz referência aos efeitos duradores das impressões primitivas infantis e sua preservação no inconsciente. De certa forma, é possível observar a emergência destas no processo analítico. Portanto:

a concepção, portanto, que estamos colocando em discussão é a que se segue. Sustenta que cenas da primitiva infância, tais como as que são construídas por uma análise exaustiva das neuroses (como, por exemplo, no presente caso), não são reproduções de ocorrências reais, às quais seja possível atribuir uma influência sobre o curso da vida posterior do paciente e sobre a formação dos seus sintomas. Considera-as, antes, como produtos da imaginação, que encontram estímulo na vida dura, que pretendem servir como uma espécie de representação simbólica dos verdadeiros desejos e interesses e que devem sua origem a uma tendência regressiva, a uma fuga das incumbências do presente. Se assim é, podemos certamente poupar-nos a necessidade de atribuir uma substância tão surpreendente à vida mental e capacidade intelectual de crianças da mais tenra idade (FREUD, 1918/1996, p. 58).

Um trabalho exaustivo ocorre então. Sabe-se que os neuróticos são dotados de uma prejudicial característica que desvia o interesse no que ocorre no presente, vinculando-os a produtos de sua imaginação. Desta forma, Freud recomenda seguir a “trilha e trazer para a consciência esses produtos inconscientes” (FREUD, 1918/1996 p. 59).

Para ele, não é possível uma abreviação deste processo, pois somente com a utilização das fantasias infantis, se torna possível a sequência da análise. Esta abreviação é tecnicamente inadmissível, posto que “a não ser que estas fantasias se tornem conscientes para o paciente, em seu significado mais pleno, ele não pode conseguir o comando do interesse que está ligado a elas” (FREUD, 1918/1996, p. 59).

As cenas da infância que emergem na sessão analítica são compostas por fantasias regressivas (FREUD, 1918/1996), não são produzidas no tratamento como lembranças, mas sim produtos de construção. São verdadeiras em muitos casos, porém abarcam distorções da verdade, intercambiadas com elementos imaginários. Foi

possível observar esses elementos como as lembranças encobridoras no primeiro capítulo desta dissertação, pois as cenas descritas no caso clínico remontam a “um período tão prematuro e exibem um conteúdo semelhante, e que apresentam depois um significado tão extraordinário para o histórico do caso, não são, via de regra, reproduzidas como lembranças, mas têm que ser pressentidas — construídas — gradativa e laboriosamente a partir de um conjunto de indicações” (FREUD, 1918/1996 p. 60). Há uma menção a elas nas notas do editor inglês ao texto escrito em 1937 por Freud, “Construções em análise”.²⁰

Essas cenas, não necessariamente fantasias, adquirem status de uma recordação, mas não se apresentam na forma de uma recordação; encontram nos sonhos uma forma de substituição. Sonhar “é outra maneira de lembrar” (ibidem). A nota de rodapé da página 60, indica uma passagem na primeira edição de “A interpretação dos Sonhos”, publicado em 1900. Nela, Freud ao interpretar o sonho da paciente analisada a época, realiza uma construção sobre algo relatado: “a resposta é que ela proviera de mim mesmo. Alguns dias antes, eu havia explicado a paciente que as primeiras lembranças da infância ‘não se conseguiam mais como tais’” (1900/1996, p. 215). O que ocorre é sua substituição na análise por transferências e sonhos.

Freud (1918/1996) faz aqui uma importante diferenciação no trabalho do psicoterapeuta e do psicanalista. O primeiro está habituado a sugerir ao paciente que estava curado e suas inibições foram superadas. Entretanto, o segundo sugere que a experiência lhe ocorreu durante a infância, que agora há possibilidade de ser lembrada, com o objetivo de curar-se. Toca-se na questão da contratransferência, pois, se não ocorreu, o psicanalista não teve experiência de análise, está sujeito a impor fantasias suas a si mesmo. São fantasias, não do paciente, “mas sim do próprio psicanalista que se força sobre a pessoa que analisa em virtude de determinados complexos seus” (FREUD, 1918/1996, p.61).

Sobre a significação do fator infantil, Freud acrescenta que “a influência da infância se faz sentir na situação com que se inicia a formação de uma neurose, de vez que desempenha um papel decisivo na ação de determinar se, e em que ponto, o indivíduo deixa de dominar os verdadeiros problemas da vida” (1918/1996, p. 63). Assim, o exaustivo relato do caso “acaba por se distinguir pela característica da neurose da vida adulta foi precedida por uma neurose nos primeiros anos de infância” (ibidem).

²⁰ Esse tema será explanado no capítulo quatro desta dissertação.

Como a ocorrência de deu aos quatro e cinco anos, temos aqui uma prova de que é possível a instalação de uma neurose nas experiências infantis. A criança não tem idade suficiente para o controle de seus impulsos e de suas fontes. “(...) as neuroses da infância dão uma resposta decisiva à questão da natureza das cenas primárias — as primeiras experiências da infância que são trazidas a luz pela psicanálise” (Freud, 1918/1996, p. 63).

A respeito das cenas primárias, como experiências ocorridas na infância, Freud teve a oportunidade de tratar deste assunto em linhas gerais na Conferência XXII de suas “Conferências Introdutórias a Psicanálise” (1916-1917/1996). Essas foram proferidas à época na Universidade de Viena, no mesmo período que se dedicava aos estudos metapsicológicos. Essa obra, em estilo oratório, apresenta diversos casos e exemplos clínicos (QUINODOZ, 2004).

Na conferência proferida em 1917, “Os caminhos da Formação dos Sintomas”, Freud conjectura sobre as experiências infantis e a fantasia:

eu os avisei de que ainda tínhamos algo novo para aprender; trata-se realmente de algo surpreendente e desconcertante. Por meio da análise, conforme sabem, partindo dos sintomas chegamos ao conhecimento das experiências infantis, às quais a libido está fixada e das quais se formam os sintomas. Pois bem, a surpresa reside em que essas cenas da infância nem sempre são verdadeiras. Com efeito, não são verdadeiras na maioria dos casos, e, em alguns, são o posto direto da verdade histórica (FREUD 1916-1917/1996, p. 369).

Desta forma, as experiências da infância, que são construídas e recordadas na análise (FREUD, 1916-1917/1996), podem não ser verdadeiras, mas na maioria das vezes, compostas por falsas e verdadeiras situações.

Mais à frente, na VIII parte do artigo “História de uma neurose infantil” de 1918, há novamente uma referência à “Conferência XXII” 1916-1917. Neste caso, refere-se à cena primária e da existência de uma herança filogenética. Essa pode ser utilizada pela criança quando lhe falha sua própria experiência. Acompanhemos o pensamento de Freud, que ressalta que deveria haver uma satisfação em ter contato com a verdade sobre a cena primária, porém “tudo o que encontramos na pré-história das neuroses é que a criança lança mão dessa experiência filogenética quando sua própria experiência lhe falha” (1916-1917/1996, p.102). Através do preenchimento de lacunas de sua verdade pessoal e individual com a verdade pré-histórica, há uma substituição do que ocorreu em sua vida, por relatos de ocorrências na vida de seus ancestrais.

Para melhor entendimento retomemos a questão da fantasia que adquire status de recordação. Para Perelberg (2005) a fantasia de início era considerada da ordem do pré-consciente. Após os artigos metapsicológicos de 1915, abordados no segundo capítulo desta dissertação, recebem um status metapsicológico.

Voltemos às cartas de Freud a Fliess, acompanhando a cronologia freudiana. Na carta de 21 de setembro de 1897, “uma data capital na história da psicanálise” (MONZANI, 1989, p. 31) encontramos a conhecida passagem “não acredito mais em minha neurótica” (FREUD, 1897/1996, p. 265), uma grande mudança no pensamento freudiano que possibilita a emergência de conceitos fundamentais (MONZANI, 1989). A partir deste momento, Freud se afasta da teoria de que a neurose teria sua causa em uma sedução ocorrida na infância.

Perelberg contextualiza que abandono de sua neurótica permitiu a Freud estabelecer uma discriminação, fundamental na psicanálise, entre a verdade psíquica e a verdade histórica. Complementa que “na psicanálise, todos os acontecimentos são investidos de fantasia, de modo que as lembranças, não são apenas de acontecimentos, mas também de pensamentos e fantasias” (2005, p. 215). Para alguns estudiosos da psicanálise, o abandono da teoria da sedução se configura como uma das posições para que a psicanálise se estabeleça como uma disciplina autônoma (MONZANI, 1989).

A cena primária, que já foi objeto de nossa investigação é considerada por Freud como uma das três fantasias primárias (PERELBERG, 2005). As outras duas são a sedução e a castração, também abordadas por ele na “História de uma neurose infantil” de 1918.

Perelberg considera, ainda, que o conceito de fantasia primária é um requisito do modelo da mente freudiano, posto que essas são instituídas pela repressão primária, e é isso que estabelece a distinção entre Inc e Pcs-PC. A autora observa que “na metapsicologia freudiana, há uma continua transformação da fantasia, que acontece em termos de *après coup*, como um trabalho permanente de reelaboração, transforma constantemente o passado. A descoberta do papel das fantasias acompanha a da sexualidade infantil, e do complexo de Édipo” (PERELBERG, 2005, p. 211). Ainda para Monzani (1989), seria esse um momento chave em que Freud adquire essas três noções fundamentais que irão articular todo o discurso da psicanálise.

Dessa forma, apresentamos o papel das fantasias na construção de lembranças encobridoras que podem ser reconstruídas quando de seu resgate do primitivo infantil.

3.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO

O “homem dos Lobos” é um dos casos de Freud mais discutidos na literatura psicanalítica. Ele fornece elementos para a compreensão da formação da neurose e das três fantasias primárias: cena primária, sedução e castração. Como vimos, na cena analítica, na relação transferencial, ocorrem atualizações destas três. O trabalho no qual se empenha o psicanalista é no sentido de reconstruir e imaginarizar as lembranças que surgem na cena analítica juntamente com paciente. Esse, agora, pode reorganizar suas defesas e elaborar seus processos inconscientes. O conceito de “*après coup*”, traduzido para o português como *a posteriori*, permite a compreensão de um processo dinâmico de elaboração e reconstrução.

Na visita ao caso clínico, foi possível observar o trabalho do psicanalista em desvelar as camadas que vão se formando, permeadas pelas fantasias. Essas, chamadas de lembranças encobridoras, são soluções encontradas após o processo da repressão que atua nos desejos inconscientes. O “*après-coup*” é um conceito importante e que aparece neste capítulo. Uma cena que não pode ser experienciada em um primeiro momento pode, mais tarde, ser reelaborada e adquirir nova organização psíquica.

4 O TRABALHO DE CONSTRUÇÃO

*Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima.*

(Chico Buarque, 1971)

O trabalho de uma análise é propor-se a instigar a pessoa para que parta rumo ao abandono de seus recalques e passe a apresentar atitudes mais maduras do que as já desenvolvidas. Levar a um processo de rememoração de certas experiências e pulsões afetivas, que de certa forma, a pessoa acabou esquecendo (QUINODOZ, 2003). Quando há dificuldade da conquista de uma rememoração, no sentido de uma totalidade do que está recalcado – vez que nem todo o material provém do recalcado –, o que impossibilita a eliminação da amnésia infantil, o psicanalista inicia um trabalho de (re)construção e propõe ao paciente esse material construído (LAPLANCHE; PONTALIS, 1982).

Para tanto, o psicanalista utiliza materiais psíquicos, emocionais e vivenciais, permeados de afeto, coletados durante o processo psicanalítico e oriundos das informações fornecidas pelo paciente e resultados de sonhos, atualização da transferência e lapsos, os quais servem de material para o trabalho de construção.

Falcão considera o conceito de construção um “dos aspectos da cura na psicanálise” (2008, p. 69). O trabalho intrapsíquico se alinha ao trabalho intersubjetivo. A autora observa que o trabalho da psicanálise está direcionado a algo criado na relação entre o psicanalista e o paciente, como uma nova proposta de construção.

O tema das construções em análise permeia toda a obra freudiana. Ele necessita de um olhar sob determinado prisma, que percebe na obra freudiana vias de acesso ao intersubjetivo e à construção que se dá no processo psicanalítico entre psicanalista e paciente. É especificamente na “História de uma neurose infantil” (O homem dos lobos) de 1918 – objeto de investigação no capítulo anterior – que Freud se dedica ao estudo das construções realizadas na cena analítica.

Essas Construções são um trabalho que o psicanalista realiza com o material que surge na ativação da cena infantil trazida ao processo de análise. O termo ativação é

proposto por Freud, no lugar da palavra recordação, pois denota o mesmo efeito de uma experiência recente e atual. Essa ativação de conexões emocionais, que retornam na transferência estabelecida com o psicanalista, gera a possibilidade de uma reunião de certo material esquecido pelo paciente. Esse material, que nos interessa na análise, e que surge após essa ativação é denominado por Freud de “matéria prima” (1937/1996, p. 272).

Laplanche e Pontalis (1982) descrevem o termo construção proposto por Freud como uma elaboração do psicanalista a partir do material que é apresentado pelo paciente. Esse material se apresenta distante do material da interpretação. A construção tem como objetivo a reconstituição da história infantil da pessoa em que são considerados os aspectos reais e fantasísticos apresentados na cena analítica.

Em uma nota de rodapé no texto de 1918, Freud justifica que as impressões e impulsos, agora ativados pelas lembranças infantis, são revividas durante a análise, porque somente agora, com processos mentais conscientes, a pessoa pode compreender o que aconteceu no passado. De toda forma, não há uma veracidade factual no ocorreu no passado, mas há um modo por meio do qual o paciente vivenciou essa ocorrência.

Desde seus primeiros textos, Freud já se referia às construções. “*Saxa loquuntur!*”, expressão utilizada por Freud no texto de 1896 “Etiologia das Neuroses”, se relaciona ao trabalho do psicanalista nas construções na análise. As “pedras falam”, ou seja, se o psicanalista puder investigar irá encontrar nos “primórdios” do infantil muito material que servirá ao trabalho de construção:

imaginemos que um explorador chega a uma região pouco conhecida onde seu interesse é despertado por uma extensa área de ruínas, com restos de paredes, fragmentos de colunas e lápides com inscrições meio apagadas e ilegíveis. Pode contentar-se em inspecionar o que está visível, em interrogar os habitantes que moram nas imediações - talvez uma população semibárbara - sobre o que a tradição lhes diz a respeito da história e do significado desses resíduos arqueológicos, e em anotar o que eles lhe comunicarem - e então seguir viagem. Mas pode agir de modo diferente. Pode ter levado consigo picaretas, pás e enxadas, e colocar os habitantes para trabalhar com esses instrumentos. Junto com eles, pode partir para as ruínas, remover o lixo e, começando dos resíduos visíveis, descobrir o que está enterrado. Se seu trabalho for coroado de êxito, as descobertas se explicarão por si mesmas: as paredes tombadas são parte das muralhas de um palácio ou de um depósito de tesouro; os fragmentos de colunas podem reconstituir um templo; as numerosas inscrições, que, por um lance de sorte, talvez sejam bilíngües, revelam um alfabeto e uma linguagem que, uma vez decifrados e traduzidos, fornecem informações nem mesmo sonhadas sobre os eventos do mais remoto passado em cuja homenagem os monumentos foram erigidos. *Saxa loquuntur!*²¹ (FREUD, 1896/1996 p. 192).

²¹ “As pedras falam!”

A questão das construções irá se estabelecer em todo o texto freudiano, culminando no texto de 1937 “Construções em análise”, em que Freud recomenda que o psicanalista construa o que foi esquecido pelo paciente (FREUD, 1939).

4.1 O MATERIAL QUE SERVE À CONSTRUÇÃO

Para que ocorra o processo de construção na análise, é necessário que haja um material. Para tanto Freud propõe uma divisão do processo analítico em duas fases notadamente distinguíveis. Em um primeiro momento, as informações necessárias são obtidas pelo psicanalista. Logo após, “familiariza-o com as premissas e os postulados da psicanálise” (Freud, 1920/1996 p.155). Com o material que é apresentado pelo paciente na análise, deduz e lhe revela a reconstrução da origem de sua enfermidade. Na segunda fase, há uma apropriação do material pelo paciente. O próprio se apossa deste que lhe apresentado e trabalha sobre ele. Na medida do possível, há a emergência de lembranças que possam ter sido reprimidas e ele “tenta repetir o resto, como se de alguma forma o estivesse vivendo novamente” (ibidem), como foi abordado no terceiro capítulo, em que visitamos o texto “Recordar, repetir e elaborar” de 1914. Só é possível ter uma experiência que ocorre durante o trabalho de análise que gere convicções ao paciente, para no futuro se tornar independente da autoridade do médico.

Essa forma de trabalho proposta por Freud (1920/1996) é apresentada em um de seus últimos trabalhos, “Esboço de Psicanálise”, publicado um ano após a sua morte em 1940. A obra foi escrita entre junho e setembro de 1938, quando o autor estava com 82 anos, um pouco antes de sua chegada a Londres, onde se refugiou quando Viena estava sob a ameaça nazista, obrigando-o a abandonar a cidade, redação interrompida devido à recaída do câncer e da necessidade de uma nova operação (QUINODOZ, 2004).

Freud dedica a segunda parte do texto ao “Trabalho prático”. Aqui podemos encontrar o que pode ser oferecido ao paciente quando procura se submeter a uma psicanálise. O trabalho intelectual é a primeira parte que o psicanalista pode oferecer (Freud, 1940/1996). Cabe ainda um incentivo ao paciente, para que colabore. Deve se considerar o elemento dinâmico e sua atuação desde seu estágio preliminar. Desta forma, um caminho é preparado para a mais difícil tarefa.

Há uma resposta para a pergunta: de onde vem o material da psicanálise?

A coleta do material advém de diversas fontes: daquilo que o paciente transmite ao psicanalista em forma de informações provenientes das associações livres, do que é percebido na transferência e das interpretações a que se chega através da análise dos sonhos, lapsos e parapraxias. Freud complementa que “todo esse material ajuda-nos a fazer construções acerca do que lhe aconteceu e foi esquecido” (FREUD, 1940/1996, p. 190).

Cabe ainda, uma rigorosa distinção do que é material pertencente ao paciente e do que é do conhecimento do psicanalista. O autor recomenda que de início não se comunique todas as descobertas ao paciente, nem mesmo a totalidade deve ser oferecida. Para que as interpretações do psicanalista não sejam esmagadas antes por uma violenta erupção da resistência, Freud observa que é nossa tarefa refletir:

cuidadosamente a respeito de quando lhe comunicaremos o conhecimento de uma de nossas construções e esperamos pelo que nos pareça ser o momento apropriado - o que nem sempre é fácil de decidir. Via de regra, adiamos falar-lhe de uma construção ou explicação até que ele próprio tenha chegado tão perto dela que só reste um único passo a ser dado, embora esse passo seja, de fato, a síntese decisiva (1940/1996, p. 190).

Freud (1936/1996) apresenta outro tipo de material que causa uma sensação de inquietante estranheza: as experiências de despersonalização e a desrealização. Seguidas da experiência de “*déjà vu*”.

Podem ser encontradas referências sobre esses materiais em uma carta aberta escrita na ocasião do aniversário de 70 anos de seu amigo Romain Roland²². Nela, Freud se debruça mais uma vez sobre os materiais provenientes de lembranças e memórias, informando que esses podem causar certo tipo de estranheza inquietante. Neste pequeno texto, intitulado “Um distúrbio de memória na Acrópole”, foi publicado em 1936, que se constitui como um fragmento de autoanálise (QUINODOZ, 2004), relata seu maravilhamento na primeira visita à Acrópole.

Logo no início do texto, Freud propõe uma reflexão sobre sua autoanálise e a psicanálise:

“meu trabalho científico consistiu em elucidar manifestações incomuns, anormais ou patológicas da mente, isto é, atribuir sua origem as forças psíquicas que operam por trás delas e indicar os mecanismos em ação. Comecei tentando isto em mim próprio e então passei a aplicá-lo a outras pessoas e finalmente fazendo uma extensão ousada, à toda raça humana” (1936/1996, p. 249).

²² A correspondência entre os dois durou um período de treze anos, após um único encontro em 1924 (Quindoz, 2003).

Na sequência, relata a experiência sentida em uma viagem a Atenas, na Grécia. Em companhia de seu irmão, faz uma visita a Acrópole. Ao avistar o monumento é tomado por uma sensação de “estranheza inquietante” (QUINODOZ, 2004, p. 278). Um surpreendente pensamento toma sua mente: “então tudo isso realmente existe mesmo, tal como aprendemos no colégio” (FREUD, 1963/1996, p. 250). Na sequência afirma que a experiência de olhar com os próprios olhos é distinta da de ouvir falar ou ler a respeito.

No que tange ao tratamento psicanalítico, o mesmo ocorre, pois ao entrar em contato com seus materiais, esses provenientes de afetos, o paciente pode ter a experiência do ocorrido. Desta forma se adquire uma convicção que “atinge o fundo do inconsciente” (FREUD, 1963/1996, p. 251).

Em um momento anterior à viagem a Atenas, ainda em Triste, de onde partira o navio dos viajantes, Freud fora tomado por uma depressão. Essa sentida como uma incredulidade, uma evidência da tentativa de repelir uma parcela da realidade. Um ponto importante merece destaque: a realidade aparece submetida a um duplo deslocamento. O primeiro outorgado ao passado. O segundo, uma dúvida sobre a própria existência do local visitado. Desta forma, estamos frente a duas questões distintas, uma referente à percepção e outra ao deslocamento da dúvida para o passado (FREUD, 1936/1996)..

Para tanto, Freud conclui essa experiência e comenta sobre o efeito do deslocamento e dúvida acerca da realidade:

toda essa situação psíquica, de aparência tão confusa e tão difícil de descrever, pode ser elucidada satisfatoriamente supondo-se que, no momento, tive (ou poderia ter tido) um sentimento instantâneo: ‘O que estou vendo aqui não é real.’ Tal sentimento é conhecido como ‘sentimento de desrealização’ *‘Entfremdungsgefühl’*. Fiz um intento de afastar esse sentimento, e o consegui a custa de uma falsa afirmação acerca do passado. Essas desrealizações são fenômenos notáveis, ainda pouco compreendidos. Diz-se serem ‘sensações’, mas, evidentemente, são processos complexos, vinculados a conteúdos mentais peculiares e vinculados a operações feitas a respeito desses conteúdos (1936/1996, p. 254).

Os fenômenos de desrealização observados por Freud se dividem em duas partes: um sentimento de estranheza de uma parte da realidade ou de uma parte do seu próprio eu. Neste caso se configura uma despersonalização. Há um intrínseco vínculo entre desrealizações e despersonalizações. Acompanhemos seu raciocínio no que se refere a outro grupo de fenômenos que são classificados como uma contrapartida positiva:

é o que se conhece como *'fausse reconnaissance'*, *'déjà vu'*, *'déjà raconté'*, etc. ilusões em que procuramos aceitar algo como pertencente ao nosso ego, do mesmo modo como, nas desrealizações, nos empenhamos em manter algo fora de nós. Uma tentativa ingênua e não psicológica de explicar o fenômeno do *'déjà vu'* procura encontrar nele a prova de uma existência anterior de nosso eu (*self*) mental. A despersonalização leva-nos à extraordinária situação de *'double conscience'* que se descreve mais corretamente como 'personalidade dividida'. Tudo isso, contudo, é tão obscuro e tem sido tão mal dominado cientificamente, que tenho de me abster de lhe falar mais a respeito dessas coisas. (1936/1996, p. 254-255).

Ao seguir a trilha do pensamento de Freud, destaca-se uma das características gerais das desrealizações “sua dependência do passado, do repertório de recordações e de experiências angustiantes da infância, que talvez tenham sucumbido à repressão” (1936/1996, p.256). Culmina desta forma em um distúrbio da memória e um a falsificação do passado. Um material psíquico primitivo.

Retomamos aqui o caso do Homem dos lobos. Freud (1918/1996) dedica a parte VIII de seu artigo ao período primordial. Chama-se “Material novo oriundo do primitivo”. Ele constata a emergência de um material de recordação, que foi mantido oculto por muito tempo, cuidadosamente. Esse acontecimento surge, geralmente, com a aproximação de um final de análise e pode ser encontrado nesse novo material. A senha para muitos dos problemas da neurose não foi apenas um lugar na memória, mas sim uma lembrança encobridora (FREUD, 1918/1996).

4.2 DA CONSTRUÇÃO À RECONSTRUÇÃO

Sob o título de “Construções em análise”, publicado em dezembro de 1937, Freud inicia o artigo com um tema que esteve menos em pauta nas discussões técnicas psicanalíticas do que a interpretação. O psicanalista, ao fornecer interpretações ao paciente pode deparar-se com duas situações. A primeira, quando ela é bem recebida pelo paciente, e a segunda quando há contradição. Quando há concordância com o que lhe foi oferecido, “então a interpretação está certa, mas se nos contradiz, isso constitui apenas um sinal de resistência, o que novamente demonstra que estamos certos” (FREUD, 1937/1996 p. 27). Como em um jogo de cara ou coroa em que há um só vencedor: cara eu ganho, coroa você perde.

Mezan aponta ainda que o psicanalista trabalha no manejo da transferência e na elaboração das interpretações e “joga ininterruptamente com o intelecto e a afetividade” (2019, p. 3003). Para o autor, é aqui que Freud faz uma distinção da interpretação e da

construção. A interpretação é estabelecida pelo intelecto e a construção pela afetividade e intuição.

Falcão observa que este conceito é apresentado por Freud como uma “necessidade técnica” (2008, p.70). A proposta ao paciente na psicanálise é que o trabalho do psicanalista vá auxiliar na eliminação das pressões ocorridas na infância (QUINODOZ, 2004), próprias de seu desenvolvimento primitivo (FREUD, 1937/1996) e localizadas na origem de seus sintomas e inibições neuróticas. O intuito é que possa recordar suas experiências e os afetos invocados por elas, que no momento presente estão sob o esquecimento.

Freud (1937/1996) explicita que

estamos à procura de um quadro dos anos esquecidos do paciente que seja igualmente digno de confiança, e em todo aspectos essenciais, completo. Nesse ponto, porém, somos recordados de que o trabalho de análise consiste em duas partes inteiramente diferentes, que ele é levado a cabo em duas localidades separadas, que envolve duas pessoas, a cada uma da qual é atribuída uma tarefa distinta (Freud, 1937/1996).

É necessário que o paciente encontre as lembranças das experiências de afeto precoces (QUINODOZ, 2004). Isto ocorre através das associações livres, repetições de relações afetivas primitivas na transferência com o psicanalista. Situações em que ocorram “repetições de afetos pertencentes ao material reprimido” (FREUD, 1937/1996). Fornecer fragmentos das lembranças em sonhos e lapsos é a tarefa do paciente. Consequente, a do psicanalista “consiste em restituir, a partir destas indicações, uma imagem tão fiel quanto possível dos anos esquecidos do paciente” (QUINODOZ, 2004).

Freud complementa que a tarefa do psicanalista é a de “completar aquilo que foi esquecido a partir dos traços que deixou atrás de si ou, mais corretamente construí-lo” (1937/1996, p. 272). Este trabalho de construção, ou como uma reconstrução, é apresentado pelo autor de forma análoga ao trabalho do arqueólogo. Para Mezan (2019) seria a reconstrução de uma civilização a partir de vestígios.

Porém o psicanalista trabalha em uma condição melhor do que a do arqueólogo em seu campo de pesquisa. O arqueólogo tem menos material disponível, entretanto o trabalho da psicanálise tem à sua disposição um material que ainda está vivo e não destruído (FREUD, 1937/1996). Essa diferença é de grande importância para o trabalho do psicanalista: “por um lado, o material com que ele trabalha está integralmente

preservado no inconsciente, imune a ação corrosiva do tempo, que tanto dificulta o trabalho do arqueólogo” (MEZAN, 1919, p. 331).

O arqueólogo tem seu trabalho posto em risco. Lida com fragmentos e objetos destruídos e que tiveram muitas de suas partes desaparecidas ou saqueadas. Já com o objeto psíquico, que é o que o psicanalista busca recuperar há uma diferença:

aqui, defrontamo-nos regularmente com uma situação que, com o objeto arqueológico, ocorre apenas em circunstâncias raras, tais como as de Pompéia ou da tumba de Tutancâmon. Todos os elementos essenciais estão preservados; mesmo coisas que parecem completamente esquecidas estão presentes, de alguma maneira e em algum lugar, e simplesmente foram enterradas e tornadas inacessíveis ao indivíduo. Na verdade, como sabemos, é possível duvidar de que alguma estrutura psíquica possa realmente ser vítima de destruição total (FREUD, 1937/1996, p. 237).

Depende somente do trabalho realizado pelo psicanalista o sucesso em emergir o que está completamente oculto. Essa finalidade se difere ainda do arqueólogo, pois o objetivo último do psicanalista não é reconstruir o objeto, mas esse é um trabalho preliminar do processo psicanalítico.

Como ocorre esse trabalho? Freud aponta que o psicanalista completa um fragmento da construção e o comunica ao paciente “de maneira a que possa agir sobre ele; constrói então outro fragmento a partir do novo material que sobre ele se derrama, lida desta maneira e prossegue, desse modo alterado até o fim” (FREUD, 1937/1996, p.2 75).

Freud apresenta outra questão no decorrer do artigo. Qual a garantia de que não há equívocos e riscos ao tratamento nas construções oferecidas pelo psicanalista? Pode haver a impossibilidade de resposta a essa questão, porém, não há dano caso ocorra um equívoco nas experiências que fornecem os processos psicanalíticos, ou mesmo na comunicação de uma construção errada. Esse equívoco não terá valor de prejuízo (FREUD, 1936/1996).

Mezan observa que “dela depende o efeito desejado sobre a relação de forças predominante no indivíduo que está sendo analisado” (2019, p.331). Caso ocorra uma negativa, dadas às resistências que existem, não terá um valor definitivo. Pode ser que a construção esteja correta e não seja admitida por ele. Mas se o paciente a receber como correta, isto é, o seu sim, “tampouco vale grande coisa, tanto pela experiência da transferência positiva—o paciente pode estar querendo agradar o terapeuta— como pela sutileza da resistência” (Mezan, 2019, p. 331), pois não há uma atribuição de um valor absoluto a um sim atribuído pelo paciente. Quinodoz corrobora que o “sim do analisado

pode exprimir uma aceitação, mas pode ser também a expressão de uma resistência; quanto ao não, ele é tão confuso quanto o sim e pode ser a manifestação de uma recusa quanto de uma resistência” (2004, p. 284).

Para a resolução deste impasse suscitado no trabalho psicanalítico, Freud (1937/1996) aponta que após o sim, pode surgir um novo trabalho que produza lembranças que “completem e ampliem a construção”. De certa forma, há a existência de confirmações indiretas (MEZAN, 2019), configuradas em associações relativas ao fato observado, atos falhos que são verificados no decorrer do processo psicanalítico.

Ainda como formas indiretas, Freud acrescenta as expressões que são encontradas com frequência “nunca pensei (ou nunca teria pensado), isso (ou nisso). Isso pode ser traduzido sem qualquer hesitação, por: ‘sim, o senhor está certo dessa vez — sobre meu inconsciente” (1937/1996, p. 277). As confirmações indiretas que provêm de associações realizadas pelo paciente e que são enquadradas ao conteúdo da construção, são uma base valiosa. Através delas há material suficiente para o julgamento da construção. Esta, por si só, pode ser confirmada no decorrer do processo psicanalítico.

Freud finaliza essa questão ao dizer “se a construção é errada, não há mudança no paciente, mas se é correta ou fornece uma aproximação da verdade, ele reage a ela com um inequívoco agravamento de seus sintomas e de seu estado geral” (1937/1996, p. 279). Assim, não se justifica a censura ao trabalho de construção realizado pelo psicanalista. Se tornará tudo mais claro no decorrer do trabalho.

Na terceira parte do artigo, Freud afirma que “o caminho que parte da construção do psicanalista deveria terminar na recordação do paciente, mas nem sempre ele conduz tão longe” (1937/1996, p.280). O que ocorre é que a análise é corretamente efetuada, ainda que não haja uma recordação pelo paciente do que foi reprimido, pois a construção pode produzir uma convicção. Mas isso, como aponta o autor, é assunto para investigações futuras.

Em via de finalizar seu artigo considera que a conciliação que ocorre em relação aos conflitos que existem no aparelho psíquico aparece como produto da eficácia das construções. Essas, fornecidas pelo psicanalista, colocam em movimento e “evocam recordações vivas”. A ocorrência de sonho e também em estados de vigília semelhantes à fantasia em que “o impulso ascendente do reprimido, colocado em atividade pela apresentação da construção, se esforçou por conduzir os importantes traços de memória para a consciência; uma resistência, porém, alcançou êxito — não, é

verdade, em deter esse movimento —, mas em deslocá-lo para objetos adjacentes de menor significação” (FREUD, 1937/1996).

Aqui, segundo Quinodoz (2004), o delírio ganha status e é comparado à uma construção. Para Freud (1937/1996), esse talvez possa ser um caráter universal de alucinação, não apreciado o suficiente até agora. Dentro dela algo experimentado retorna em tenra idade e depois esquecido, algo que a criança viu ou ouviu no momento em que mal conseguia linguagem ainda. Agora, é forçada sua ascensão à consciência, provavelmente desfigurada e deslocada pelo efeito das forças que se opõem a esse retorno. E se a alucinação se refere mais de perto a certas formas de psicose, essa linha de pensamento pode avançar mais. Talvez as formações delirantes, que com grande regularidade são encontradas articuladas a essas alucinações, não são independentes, como normalmente supostas, do instinto que emerge do inconsciente e o retorno do que sofreu ação da repressão.

Em relação ao mecanismo do delírio, Freud destaca dois fatores:

o afastamento do mundo real e suas forças motivadoras, por um lado, e a influência exercida pela realização de desejo sobre o conteúdo do delírio, por outro. Mas não poderá acontecer que o processo dinâmico seja antes o ato de o afastamento da realidade ser explorado pelo impulso ascendente do reprimido, a fim de forçar seu conteúdo à consciência, enquanto as resistências despertadas por esse processo e a inclinação à realização de desejo partilham da responsabilidade pela deformação e pelo deslocamento do que é recordado? Esse é, afinal de contas, o mecanismo familiar dos sonhos, o qual, desde tempos imemoriais, a intuição igualou à loucura (1937/1996, p. 281).

Essa ideia sobre os delírios não se apresenta simplesmente como um método da loucura, mas tem valor de um fragmento de “verdade histórica” (ibidem). A convicção no delírio extrai sua força de uma fonte do infantil (QUINODOZ, 2004). Ainda, para o autor “os delírios dos doentes seriam equivalentes de construções que realizamos em análise e que constituem ao mesmo tempo tentativas de restituição” (Ibidem, p. 285).

Para concluir seu artigo Freud acrescenta que “tal como nossa construção só é eficaz porque recupera um fragmento de experiência perdida, assim também o delírio deve seu poder convincente ao elemento de verdade histórica que ele insere no lugar da realidade rejeitada” (1937/1996, p. 282). E, ainda, que:

se considerarmos a humanidade como um todo e substituirmos o indivíduo humano isolado por ela, descobriremos que também ela desenvolveu delírios que são inacessíveis à crítica lógica e que contradizem a realidade. Se, apesar disso, esses delírios são capazes de exercer um poder extraordinário sobre os

homens, a investigação nos conduz à mesma explicação que no caso do indivíduo isolado (Ibidem, p. 283).

Freud (1937/1996) deixa aqui uma abertura para a continuidade de seus estudos. Para Botella e Botella (2002), é necessário que haja compreensão das mudanças psíquicas que ocorrem na sessão como o desejo e representação inconscientes, neuroses de transferência, história.

Desta forma “Construções em análise” testemunha a evolução do pensamento de Freud em que

certos impasses do tratamento não são resolvidos senão por meio de uma construção do analista, capaz de provocar no paciente uma regressão formal do pensamento e o surgimento de não lembranças, mas de imagens do passado, qualificadas de ‘quase alucinatórias’. É a maneira como Freud apreende o trauma infantil não representado” (BOTELLA; BOTELLA, 2002, p. 96).

Assim sendo, Freud, acaba por responder ao seu próprio pessimismo (BOTTELLA; BOTELLA, 2002). Indica com nitidez soluções teórico-técnicas possíveis aos impasses do psicanalista.

4.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO

Durante o processo psicanalítico, fica claro que o psicanalista faz uso de materiais fornecidos pelo paciente que foram coletados durante o mesmo. Ao utilizar esse material o psicanalista é direcionado para um trabalho de elaboração. Essa proposta de construção, com a utilização deste material, é apresentada por Freud em todo seu percurso de construção da teoria psicanalítica e acaba por culminar no texto de 1937 “As construções em análise”.

Desta forma é possível criar uma nova realidade interna com elementos que se apresentaram inacessíveis em uma fase inicial da vida. Essas construções adquirem agora status de construção histórica: foram elaboradas e apresentadas ao paciente com o material fornecido por ele próprio. Um trabalho realizado pelo psicanalista.

O material primitivo pode agora ser elaborado com a construção proposta pelo psicanalista, que se configura como instrumento clínico. Permite a produção de um solo vivencial que reconfigura as vivências primitivas reprimidas, soterradas e esquecidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Macbeth: — Curai-a! Não podeis
acalmar um espírito doente,
arrancar-lhe da memória os pesares
arraigados, apagar as angústias
gravadas no cérebro e, com um doce
antídoto que faça esquecer, aliviar o
peito oprimido do peso perigoso que
comprime o coração?”*

*Médico: — É preciso que o doente
seja seu próprio médico.”*

(William Shakespeare)

A proposta nesta dissertação foi investigar um fenômeno recorrente no desenvolvimento de nossa clínica cotidiana: a sensação de inquietante estranheza, que surge na situação analítica, quando os pacientes se deparam com determinado material resgatado de sua própria história primitiva. Objetivando melhor compreender esse acontecimento clínico, aventuramo-nos no estudo do percurso de Freud sobre o tema. Assim, partindo de uma perspectiva cronológica e temática de sua obra, a pesquisa se iniciou junto aos esboços pré-psicanalíticos do autor, em articulação com a correspondência trocada com seu amigo Fliess.

Dessa forma, no primeiro capítulo da dissertação, pudemos destacar que há uma forte relação entre o material que compõe as cartas e o tema das lembranças infantis, na medida em que, nessas, Freud discorre sobre sua auto-análise e como esse processo o endereçou à sua mais primitiva infância. Um percurso que nos permitiu perceber que Freud, ao entrar em contato com um material primitivo que foi resgatado de sua história, constata que a memória e as lembranças da infância, além de provocarem uma sensação de estranheza, são permeadas pelas fantasias e pela sexualidade infantil. Na perspectiva do autor, as experiências que ocorreram nos primeiros anos da infância acabam por deixar traços que de modo algum são erradicados do mais profundo da mente humana. Mesmo após uma averiguação cuidadosa na memória, esses traços, que são percebidos muitas vezes como fragmentos isolados, adquirem um aspecto duvidoso ou enigmático. Surge então a sensação de inquietante estranheza.

Nesse sentido, pudemos destacar que a recordação dessas lembranças é acompanhada do despertar de emoções. E que, ao longo do processo psicanalítico, o paciente, com uma mente adulta, é capaz de reorganizá-las, não mais por meio de um funcionamento infantil. Lembrando que as imagens mnêmicas e misteriosas podem ser encontradas na memória como fragmentos incompletos do evento ou acontecimento.

A fantasia permeia essas recordações e seu valor reside no fato de representar na memória impressões e pensamentos de uma data posterior cujo conteúdo está ligado a ela por elos simbólicos ou semelhantes. Estas são chamadas, por Freud, de lembranças encobridoras (FREUD, 1899/1996). Nelas estão contidas as reservas mnêmicas. Essas representam um importante papel nos processos de pensamento presentes nas formações neuróticas. Toda a vida é acompanhada por essas lembranças.

Ainda nesse momento, nos foi possível destacar que o papel da sexualidade e da amnésia infantil é vasto e vai desempenhar um papel organizador e determinante para organização psíquica e da subjetividade. Nesse sentido, Freud nos oferece, ainda, argumentos para entendermos o conceito de sexualidade em um sentido mais amplo do que o da genitalidade, e que todos esses elementos, presentes no infantil primitivo, permanecerão organizados, psiquicamente, em camadas. Camadas essas conhecidas como traços mnêmicos, que sofreram a ação da repressão como solução ao desprazer e passíveis de suscitar, no trabalho clínico, uma sensação de estranheza.

Desta forma a direção de nossa investigação se deu no sentido de analisarmos o texto de 1918 de Freud “*Das Unheimlich*”. Nessa análise, nos detivemos em torno do “estatuto conceitual” do tema do estranho e sua repercussão para a clínica psicanalítica, privilegiando compreender o que, na emergência de uma lembrança infantil, desperta, nos pacientes, a sensação de inquietante estranheza. As impressões sensoriais e experiências que provocam a estranheza estão localizadas na categoria do primitivo, e do que nos é familiar. Advêm de complexos reprimidos e lembranças infantis permeadas pela fantasia e foram fortemente submetidas à repressão. São componentes que derivam de experiências que a grande maioria dos seres humanos não teve elaboração no período da infância.

O conhecimento sobre a metapsicologia nos coloca a par do funcionamento psíquico utilizado nessa operação de repressão, pois essa teoria “é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da Psicanálise” (FREUD, 1914/1996, p. 26). A visita ao texto “O Inconsciente” (FREUD, 1915a/1996) possibilitou a compreensão de onde se localizam e de que forma é armazenado o material, o que Freud denominou de atos

psíquicos, ou ideias que não receberam o estatuto de conscientes. Esse material sofreu ação da repressão. É necessário um trabalho de restauração de sua conexão original. Cenas que são vinculadas a substitutos regressivos.

A próxima questão que norteou nossa investigação, então, se posicionou dessa maneira: o que o analista pode fazer com esse material na clínica psicanalítica? Para respondê-la, a proposta de Freud passou a nortear nossa pesquisa, focalizando o inventário metapsicológico que segue o resgate das operações que ocorreram na memória em seu período mais inicial da vida, o infantil. Por outro lado, uma visita aos artigos técnicos indica a necessidade de levarmos em conta a figura do analista e os conceitos de transferência e contratransferência.

Partindo dos alicerces teóricos e técnicos alcançados, pudemos propor que o processo de restauração de conexão entre o material original infantil e aquilo que o paciente traz para o processo analítico atual se torna possível. As experiências são agora revividas junto ao psicanalista, de uma forma atualizada. Abrindo, dessa forma, a possibilidade de uma re-construção do que ficou no passado e não pode ser elaborado. Propomos, então, que a perspectiva que Freud procura sustentar seja que, no processo psicanalítico, uma nova oportunidade se apresenta ao paciente, de lidar com suas questões infantis, situando-as na relação com o psicanalista.

Em busca de melhor explicitarmos esse processo, revisitamos o caso clínico apresentado por Freud, em 1918: “História de uma neurose infantil”. Neste trabalho, se encontra o relato de uma experiência, no tratamento psicanalítico, em que as construções propostas pelo psicanalista são importantes ferramentas para o desenvolvimento do processo clínico. Por meio de nosso estudo, pudemos destacar que Freud decide trabalhar com o material vivo que emerge nas sessões.

Ao tentarmos melhor entender essa reconfiguração do material primitivo que o processo analítico possibilita, nos deparamos com a noção de “*après-coup*”, traduzido na Edição Standart como *a posteriori*. Essa noção nos auxilia a propor que, ao longo de um processo analítico se torna possível que o paciente, adulto, possa reconfigurar e reelaborar o que ocorreu em um evento passado. A vista disso, é possível carregar o passado com uma nova visão.

Tomando essas considerações como base, nos encaminhamos ao tema das construções em análise, especificamente desenvolvido por Freud em seu artigo de 1937, mas que, como pudemos indicar ao longo de nossa pesquisa, permeia a obra freudiana desde seus primórdios. Nesse artigo, Freud apresenta uma analogia do trabalho do

psicanalista com o do arqueólogo, pois, assim como esse último, o psicanalista precisa imaginarizar e construir a parte que falta na história do paciente. O arqueólogo realiza essa tarefa imaginando as partes que ficaram faltando de um objeto encontrado, como por exemplo, um vaso de um período muito remoto do qual só foi possível encontrar fragmentos nas escavações. Desta forma, se cria na mente do arqueólogo uma imagem tridimensional para a compreensão do artefato encontrado como um vaso. O psicanalista também se utiliza desta mesma ferramenta: constrói e imaginariza as conexões que ficaram faltando com os eventos ocorridos em um passado primitivo. No entanto, tem uma vantagem sobre o arqueólogo: esse material se encontra vivo. Emerge no tratamento psicanalítico em forma de afeto. Esse em busca de uma representação possível pelo agora adulto.

Em nossa observação é fundamental que haja possibilidade de acesso às experiências primitivas que estão localizadas nas camadas mais profundas da psique. O psicanalista e o paciente se embrenham juntos em uma jornada: a da compreensão das sensações de inquietante estranheza que surgem na cena analítica. Um trabalho em dois eixos, o intrapsíquico — mundo interno do paciente — e o eixo intersubjetivo — a relação do que é experienciado na relação transferencial com o analista.

Nossa proposta de pesquisa foi a partir de um método conceitual de investigação em psicanálise, o qual propõe organizar a releitura do texto freudiano objetivando sua articulação com a clínica psicanalítica, em busca de respostas a questões que emergiram no próprio fazer clínico. A investigação teórica é precedida por uma questão clínica, e, em decorrência, um regresso à práxis em um terceiro momento (PINHEIRO; LUSTOZA; PINHEIRO, 2020).

No que se refere à localização do material no inconsciente, nos encontramos frente a uma nova questão: materiais psíquicos primitivos, anteriores ao processo de repressão, estão localizados em um inconsciente denominado arcaico e não reprimido?

Acreditamos que poderemos desdobrar essa ideia com a visita aos textos da segunda tópica freudiana. Para tanto, seguir a trilha para a consciência é a recomendação de Freud (1918/1996), pois os neuróticos são habilidosos em vincular a substitutos regressivos aos produtos de sua imaginação. Essas cenas que se vinculam a substitutos regressivos não são reproduzidas como lembranças no tratamento psicanalítico, e sim produtos de construção. Um caminho de pesquisa para o futuro.

Desse modo, ouve uma investigação que sobreveio ao impasse clínico. Estou localizado, na finalização desta dissertação, em um terceiro momento, já posso retornar

à clínica. Me encontro munido de referências teóricas, estas, mais rigorosas que trarão sustentação à minha práxis.

“embora nossa tarefa esteja principalmente relacionada com a mente inconsciente do paciente, eu pessoalmente, acho que o enriquecimento do ego de uma pessoa através das experiências de outras pessoas não é a menor das minhas satisfações. Dos limites limitados de uma vida individual, que foi limitada no tempo, no espaço e no ambiente, experimento uma rica variedade de vida através do meu trabalho. Entro em contato com todos os tipos e tipos de vida, todas as circunstâncias imagináveis, tragédia humana e comédia humana, humor e obstinação, o pathos dos derrotados, as incríveis resistências e vitórias que algumas almas alcançam sobre o destino humano. Talvez por isso eu pessoalmente esteja mais feliz por ter feito minha escolha pela psicanálise, essa rica variedade de todo tipo de experiência humana que se tornou parte de mim, que nunca teria sido minha para experimentar ou entender em uma única vida mortal, mas para o meu trabalho”.

- Ella Sharpe

Psicanalista britânica contemporânea de Freud

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTELLA, C.; BOTELLA, S. Irrepresentável: mais além da representação. Porto Alegre: Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul/ Criação Humana, 2002.

CHEMAMA, R.; VANDERMERSCH, B. *Diccionario del psicoanálisis*. Segunda edición, revisada y ampliada. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1996.

FALCÃO, L. Construções em análise hoje: a concepção freudiana ainda é válida?. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, n. 42(3), p. 69-81, 2008.

FREUD, S. (1892-1899). Extratos dos Documentos Dirigidos à Fliess: Carta 52. In: FREUD, S. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição standard brasileira. vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1889). Lembranças encobridoras. In: FREUD, S. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição standard brasileira. vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1898). A sexualidade na etiologia das neuroses. In: FREUD, S. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição standard brasileira. vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1900). A Interpretação dos Sonhos. FREUD, S. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição standard brasileira. vol. V. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1901). Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. FREUD, S. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição standard brasileira. vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1909). Notas sobre um caso de neurose obsessiva. In: FREUD, S. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição standard brasileira. vol. X. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1909). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição standard brasileira. vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1912). Uma nota sobre o inconsciente na psicanálise. In: FREUD, S. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição standard brasileira. vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1913). Totem e Tabu. In: FREUD, S. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição standard brasileira. vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1914). *A História do Movimento Psicanalítico*. In: FREUD, S. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição standard brasileira. vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1914). Recordar, repetir e elaborar. In: FREUD, S. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição standard brasileira. vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1915). Repressão. In: FREUD, S. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição standard brasileira. vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1915a). O Inconsciente. In: FREUD, S. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição standard brasileira. vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1915b). Os Instintos e suas Vicissitudes. In: FREUD, S. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição standard brasileira. vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1918). História de uma neurose infantil. In: FREUD, S. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição standard brasileira. vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1919). O estranho. In: FREUD, S. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição standard brasileira. vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1920). A Psicogênese de um Caso de Homossexualismo numa Mulher. In: FREUD, S. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição standard brasileira. vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1936). Um distúrbio de memória na Acrópole. In: FREUD, S. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição standard brasileira. vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1937). Construções em análise. In: FREUD, S. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição standard brasileira. vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1940). Esboço de psicanálise. In: FREUD, S. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição standard brasileira. vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887/1904*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

FREUD, S. *Cartas entre Freud e Pfister. (1909-1939): Um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. São Paulo: Editora Ultimato, 2009.

GREEN, A. *La clínica psicoanalítica contemporânea*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2017.

HANNS, L. A. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HERRMANN, F. Pesquisa psicanalítica. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 56, n. 4, p. 25-28. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252004000400014&lng=en&tlng=pt. Acesso em: 09 mai. 2022.

IANNINI, G; TAVARES, P. H. Freud e o infamiliar. In: FREUD, S., *O infamiliar / Das Unheimliche, seguido de O Homem da Areia*. 1 ed. São Paulo: Autêntica, 2019.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário de psicanálise*. 4. ed. Santos: Martins Fontes, 1982.

MEZAN, R. (1982). *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva, 2019.

MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

PERELBERG, R. Unconscious phantasy and après-coup: from the history of an infantile neurosis (The wolfman). In: PERELBERG, R. *Freud, a modern reader*. New York: Routledge Books, 2005.

PINHEIRO, N. N. B.; LUSTOZA, R. Z.; PINHEIRO, D. P.N. Pesquisa em Psicanálise na Universidade: seguindo o método freudiano. *Analitica*, São João del Rei, v. 8, n. 15, p. 1-11, 2020.

PONTALIS, J.N. *À margem das noites*. São Paulo: Primavera editorial, 2012.

PRADO DE OLIVEIRA, L.E. The Unconscious. In: PERELBERG, R. *Freud, a modern reader*. New York: Routledge Books, 2005.

QUINODOZ, J. M. *Ler Freud – Guia de leitura da obra de S. Freud*. São Paulo: Artmed, 2004.

SÉDAT, J. *Compreender Freud*. São Paulo: Loyola, 2007.